

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História
Mestrado Profissional em Ensino de História

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**ENSINANDO OUTRAS HISTÓRIAS SOBRE A CASA DA FEITORIA VELHA
ATRAVÉS DE UM ZINE: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DAS
RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SÃO
LEOPOLDO - RS**

CHRISTIAN ARNOLD LEITE

Orientador: Prof. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues

PORTO ALEGRE - RS

2021

Christian Arnold Leite

**ENSINANDO OUTRAS HISTÓRIAS SOBRE A CASA DA FEITORIA VELHA
ATRAVÉS DE UM ZINE: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DAS
RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SÃO
LEOPOLDO - RS**

Linha de pesquisa: Saberes Históricos em
Diferentes Espaços de Memória.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ensino de História
(PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de mestre em
Ensino de História.

Orientadora: Prof. Dra.: Mara Cristina de Matos
Rodrigues

PORTO ALEGRE - RS

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Leite, Christian Arnold
ENSINANDO OUTRAS HISTÓRIAS SOBRE A CASA DO
IMIGRANTE ATRAVÉS DE UM ZINE: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO
DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA EM
SÃO LEOPÓLDO - RS / Christian Arnold Leite. -- 2021.
126 f.
Orientadora: Mara Cristina de Matos Rodrigues.

Dissertação (Mestrado Profissional) -- Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino
de História, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Ensino de História. 2. Educação das Relações
Étnico-Raciais. 3. Educação Patrimonial. 4. Fanzine.
5. Zine. I. de Matos Rodrigues, Mara Cristina, orient.
II. Título.

Christian Arnold Leite

**ENSINANDO OUTRAS HISTÓRIAS SOBRE A CASA DA FEITORIA
VELHA ATRAVÉS DE UM ZINE: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO DAS
RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SÃO
LEOPOLDO – RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Banca Examinadora

Roswithia Weber

Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Letras

Feevale

Leandro Balejos Pereira

Secretaria de Educação

Governo do estado do Rio Grande do Sul

Marcus Vinícius de Freitas Rosa

Programa de Pós-Graduação em Ensino de História-ProfHistória

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Nilton Mullet Pereira

Programa de Pós-Graduação em Ensino de História-ProfHistória

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE - RS

2021

Dedico esta dissertação aos meus pais,
Maria Helena Arnold e Arizoly Marques Leite.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001. Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande Sul, ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, ao Curso de Licenciatura de História, onde iniciei a minha trajetória na área de ensino de história.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História na modalidade de Mestrado Profissional em Ensino de História, o ProfHistória, onde tive a honra de cursar o mestrado, uma experiência de crescimento e formação pessoal e profissional. Agradeço aos meus professores e as minhas professoras no pós-graduação através da pessoa, mais que querida professora orientadora, a Prof. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues. Agradeço o seu carinho, a sua compreensão, o seu apoio, juntamente com as suas orientações e os seus questionamentos tão importantes para os resultados desta dissertação e do zine, A E.R.E.R. no Zine. Agradeço os ensinamentos, os questionamentos e o apoio dos professores e professoras do ProfHistória.

Agradeço a banca examinadora do meu projeto de ensino de história. Agradeço as orientações que me possibilitaram fazer as adaptações necessárias no projeto, constituindo-se de um maravilhoso aprendizado para a etapa seguinte, a construção do zine e desta dissertação. Agradeço aos meus colegas de mestrado, através da pessoa do meu colega de caronas e debates teóricos e metodológicos, o Prof. Me. Rodrigo Santiago Garcia. Os cafés, as conversas, as trocas de ideias e ansiedades. Meu eterno agradecimento a todos vocês!

Agradeço aos familiares e amigos por todo o amor e carinho durante todo o período de desenvolvimento deste estudo. Agradeço aos meus amigos da área da história através da pessoa do meu querido amigo, o Prof. Dr. Rodrigo de Azevedo Weimer, que me incentivou a participar do processo de seleção para a turma de 2019 do Mestrado Profissional em Ensino de História. Agradeço a todos os amigos e amigas que tive e tenho na minha vida. Não tenho como mencionar

todos e todas aqui. Todos e todas estarão sempre no meu coração. Agradeço a Mariane Neves, por me acompanhar e me estimular durante toda esta trajetória de três anos, pela paciência e compreensão dos meus atos. “Eu acompanho você, você me acompanha”. Obrigado pelo amor e carinho de todos vocês!

Agradeço aos meus pais e mães espirituais. Agradeço as bençãos da minha amada terreira na pessoa da minha mãe de santo, das minhas madrinhas e padrinho, irmãos e irmãs de fé. Agradeço especialmente ao meu orixá, Abaô, meu pai! Agradeço as minhas amadas mães, Ora Yê Ô, minha mãe! Odôiyá, minha mãe! Agradeço aos meus amados pais, Okê Arô, meu pai! Epa Bàbá, meu pai! Agradeço a toda a corrente de Umbanda, através de nossos amados caboclos que nos orientam e são exemplos de conduta e de respeito. Agradeço aos nossos protetores, os exus, que sempre nos acompanham. Obrigado por terem me acolhido desde a minha infância. A Umbanda é paz e amor, é um mundo cheio de luz, é força que nos dá a vida, e a grandeza nos conduz!

Minha eterna gratidão a todos e todas!

SUMÁRIO

1	A CASA DESABOU!!! E AGORA? O CONTEXTO DE PROPOSIÇÃO DE TEMAS E PROBLEMÁTICAS NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA	13
1.1	A Casa da Feitoria Velha, Museu do Imigrante, Casa do Imigrante? A trajetória histórica e historiográfica da Casa	18
1.2	As diversidades e as possibilidades do ensino de outras histórias da Casa da Feitoria Velha: A temática africana em São Leopoldo	22
2.	A E.R.E.R NO ZINE: A CONSTRUÇÃO DE UMA FORMA DE CONHECIMENTO PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	26
2.1	A E.R.E.R. no Zine	31
3.	A OBSERVÂNCIA DOS REFERENCIAIS LEGAIS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DAS DIVERSIDADES ÉTNICO-RACIAIS EM SÃO LEOPOLDO	71
3.1	Os conceitos de raça, racismo, preconceito e discriminação na análise de seus desdobramentos na formação da sociedade brasileira	77
3.2	O trato com a diversidade: Posicionamento de educadores e de suas pedagogias de combate ao racismo e a discriminação no espaço escolar	81
4.	A CONSTITUIÇÃO E RECONFIGURAÇÕES DAS PROPOSTAS DE ENSINO DAS DIVERSIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SÃO LEOPOLDO	92

4.1 Plano de aulas de ensino de História na perspectiva do ensino das diversidades	96
Considerações finais	106
REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS	108
ANEXOS	117
Anexo 1 2ª Atividade: leitura e análise de vídeos no ambiente do Google Sala de Aula	118
Anexo 2 Termo de concordância da instituição	119
Anexo 3 Termo de registro de assentimento	121
Anexo 4 Termo de registro de consentimento livre e esclarecido	124

RESUMO

A presente dissertação trata do estudo sobre a concepção e elaboração de um zine como uma proposta de ensino e aprendizagem de História na perspectiva da **Educação das Relações Étnico-Raciais – a E.R.E.R.** Compreendendo um zine como um objeto cultural constituído artesanalmente com o intuito primordial de comunicar algo a alguém, propõe-se o estudo da concepção e elaboração de um zine, **a E.R.E.R. no Zine**: uma ação educacional antirracista ao colocar em primeiro plano a História e a Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena no ensino de História na rede pública de ensino fundamental do município de São Leopoldo - RS. No zine foram desenvolvidas outros ensinamentos sobre a história da Casa da Feitoria Velha/Museu do Imigrante, conhecida como a Casa do Imigrante, um bem cultural patrimonializado localizada na região da Feitoria em São Leopoldo, na perspectiva da Educação Patrimonial decolonizadora de saberes constituídos. Nestas perspectivas, o zine foi constituído como uma forma de conhecimento na contramão dos usos correntes do patrimônio histórico em São Leopoldo. Para tanto, este estudo está organizado em capítulos onde o contato com a História da Casa da Feitoria Velha me possibilitou o desvelamento de conhecimentos sobre os processos de visibilização e invisibilização da presença da história e da cultura indígena e africana em São Leopoldo. A partir da observância dos referenciais legais para o ensino e aprendizagem das diversidades étnico-raciais no ensino de História, propõe-se a concepção e elaboração do zine A E.R.E.R. no Zine objetivando o tensionamento das percepções vigentes sobre o patrimônio cultural do município, contribuindo para a educação das relações étnico-raciais numa cidade considerada o berço da imigração alemã para o Brasil.

Palavras-Chaves: Ensino de História, Educação das Relações Étnico-Raciais, Educação Patrimonial, História e Cultura Africana e Indígena, Fanzine, Zine.

ABSTRACT

The following paper debates the insight on the conception and elaboration of zines as a means to teach and learn History under the perspective of the **Education for the Ethnic-Racial Relations – the E.R.E.R.** By understanding zines as handmade cultural tools that have the primary objective of communicating something to someone, we set ourselves the task of studying the conception and elaboration of one particular zine, the E.R.E.R. Zine: an anti-racist pedagogical initiative which proposes making African, Afro-Brazilian and Indigenous Histories and Culture the spearhead of the History teaching policies for the public elementary school system of the city of São Leopoldo, State of Rio Grande do Sul, Southern Brazil. Through articles published in the zine, an alternative pedagogical view on the Story of the *Casa da Feitoria Velha/Museu do Imigrante* (“Old Factory Estate/Museum of Immigration”) – known as *Casa do Imigrante* (“House of the Immigrant”) and declared a cultural heritage site located in the Feitoria neighborhood in São Leopoldo – was developed. From this new perspective, the zine was constituted as a means of knowledge alternative to the current uses of the historical heritage in São Leopoldo. Therefore, this study is divided into chapters where, through contact with the Story of the *Casa da Feitoria Velha*, I was able to shed a light on the processes of making São Leopoldo’s Indigenous and African Histories and Culture visible. From the observation of the legal references for the teaching and learning of ethnic-racial diversity in History, we propose the conception and the elaboration of the E.R.E.R. Zine, aiming to intensify current perceptions on the city’s cultural heritage, contributing for the education of ethnic-racial relations in a city considered to be the cradle of the German immigration to Brazil.

Keywords: History Teaching, Ethnic-Racial Relations Education, Heritage Education, African and Indigenous History and Culture, Fanzine, Zine.

LISTA DE ABREVEATURAS

ANPAP	Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ERER	Educação das relações étnico-raciais
IPHAE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado
MHVSL	Museu Histórico Visconde de São Leopoldo
PPP	Plano Político Pedagógico
RS	Rio Grande do Sul
SEDAC	Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
UNISINOS	Universidade do Vale dos Sinos
VS	Vale dos Sinos

1 A Casa desabou!!! E agora? O contexto de proposição de temas e problemáticas no ensino e na aprendizagem de história

Voltando na minha memória, relembro o que me instigou a utilizar um bem cultural tombado e patrimonializado, a Casa da Feitoria Velha/Museu do Imigrante, conhecida como a Casa do Imigrante, na elaboração de uma proposta de ensino de História na educação das relações étnico raciais. Como professor de ensino de História na escola municipal de ensino fundamental Olímpio Vianna Albrecht, situada no bairro Madezatte na região da Feitoria de São Leopoldo - RS, a Casa da Feitoria Velha faz parte da minha rotina de ida e volta à escola. No dia sete de março de 2019 houve a queda de parte da fachada da casa, por sinal a parte construída na restauração efetuada em 1941¹. Problemas de manutenção estrutural foram identificadas como a principal causa dos danos arquitetônicos². Ao ler sobre o caso no Jornal VS percebi uma preocupação com a recuperação e preservação do bem tombado e patrimonializado, identificado como um espaço de memória e de História do processo imigratório e colonizador alemão na região de São Leopoldo a partir de 1824. Logo após a notificação do acidente, representantes da Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul (SEDAC) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE), entre outros, estiveram no local. Destaca-se nas palavras de Beatriz Araújo (SEDAC) de São Leopoldo que a recuperação da Casa do Imigrante é responsabilidade de todos. Percebi nas palavras da entrevista, e em outras reportagens, que o bem cultural fragilizado pelo acidente é carregado de uma carga identitária constituída pela sua significação como um dos marcos iniciais

¹ STRAPAZZON, R. **Parte da Casa do Imigrante desaba na Feitoria**. *Jornal VS*. Disponível em: https://www.jornalvs.com.br/_conteudo/noticias/regiao/2019/03/2383900-parte-da-casa-do-imigrante-desaba-na-feitoria.html Acessado em 23 de junho de 2020.

² DALL'OLMO, A. **Definidas as primeiras ações para recuperar a Casa do Imigrante**. *Jornal VS*. Disponível em: https://www.jornalvs.com.br/_conteudo/noticias/regiao/2019/03/2384739-definidas-as-primeiras-acoes-para-recuperar-a-casa-do-imigrante.html Acessado em 23 de junho de 2020.

da presença alemã no município. Esta percepção corroborou com a pesquisa e leitura do processo de patrimonialização da Casa da Feitoria Velha.

No site oficial do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado do Rio Grande do Sul estão disponíveis os dados sobre o processo de tombamento da Casa da Feitoria Velha. Destaco a justificativa histórica e cultural apresentada para o tombamento da Casa, um breve resumo sobre a sua história. Descrevo aqui na íntegra: “A Real Feitoria do Linho-Cânhamo, inicialmente estabelecida em Canguçu (Pelotas), foi transferida para a margem esquerda do rio dos Sinos em 1788. Sua localização veio dar nome ao lugar: Feitoria Velha. A edificação, pertencente ao Governo Imperial, foi construída para abrigar os escravos que ali trabalhavam na produção de cordas. Desativada em 31.03.1824, no mesmo ano passa a ser utilizada como abrigo das primeiras famílias de imigrantes alemães que chegavam ao Estado, até que suas terras fossem demarcadas. Em 1941 a Feitoria foi comprada e recuperada pela prefeitura, que nela instalou a escola primária estadual Dr. João Daniel Hillebrandt. As características luso-brasileiras do prédio foram então alteradas, sendo acrescentados elementos da arquitetura germânica, como o enxaimel. A escola se localizou ali até 1976, ano em que foi repassada ao Museu Visconde de São Leopoldo, que fez nova reforma na casa, acrescentando salas temáticas e parte de seu acervo à edificação.”³ A história da Casa da Feitoria Velha possui diferentes momentos, temporalidades, sobre seus aspectos físicos e estruturais, suas funcionalidades, suas utilizações, seus ocupantes humanos.

A partir destas informações iniciais, estabeleci um questionamento que me direcionaria para outros: Como as diversas recuperações estruturais da Casa da Feitoria Velha a transformaram numa herança cultural e histórica do processo migratório e colonizador alemão em São Leopoldo? Na consulta ao trabalho da professora Roswithia Weber (2004) sobre os processos comemorativos do centenário da imigração alemã no ano de 1924 em São Leopoldo, uma identidade étnica germanizada autoatribuída por representantes dos primeiros imigrantes/colonos e seus descendentes é elaborada e constituída para aquele

³ Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=15706>
Acesso em 22 abril de 2020.

momento e para a posterioridade⁴. Ao pensar a Casa da Feitoria Velha a partir deste movimento comemorativo como expressão de uma etnicidade alemã (WEBER, 2004, p. 47), refleti na época sobre a desconsideração de uma história anterior a 1824, data comemorativa da imigração alemã para São Leopoldo. A partir destes conhecimentos e informações, constitui um segundo questionamento: Onde fica a história da Casa da Feitoria Velha anterior a chegada dos imigrantes alemães, na história de São Leopoldo? A pesquisa bibliográfica me possibilitou o levantamento de conhecimentos sobre as presenças de populações indígenas e africanas através na região do atual Vale dos Sinos. Destacou-se neste levantamento sobre a Casa da Feitoria Velha a história de sua existência como feitoria escravocrata composta por uma comunidade de escravizados africanos. Numa historiografia anterior anos de 1990, a feitoria e sua comunidade africana escravizada é descrita e analisada como passíveis de serem esquecidas, invisibilizadas, ou constituídas como outras histórias em relação a história da imigração e colonização alemã em São Leopoldo. A produção historiográfica pós-1990 questiona esta premissa, apresentando pesquisas pautadas em fontes documentais públicas e privadas sobre as presenças africanas e indígenas em São Leopoldo e no Vale dos Sinos.

A proposta deste trabalho é a constituição de um zine antirracista no ensino de história numa perspectiva da **educação das relações étnico raciais** – a **E.R.E.R.** – que tome como objeto de estudo a trajetória da Casa da Feitoria Velha, desde seus primeiros usos até sua constituição como patrimônio histórico de São Leopoldo. Inicialmente, estabeleci algumas temporalidades deste bem, criando um Quadro Sintético das temporalidades da História da Casa da Feitoria Velha. Ele abrange desde os processos de ocupação humana e espacial da região de São Leopoldo, especialmente a região da Feitoria, entre o final do século XVIII e o século XIX, passando pelo momento em que ela é “esquecida” e dissociada das suas funções iniciais, até sua constituição, na década de 1920 como símbolo da imigração alemã no município, sua patrimonialização na década de 1980, até o momento atual. A partir destas informações, proponho A E.R.E.R. no Zine como uma ação educacional antirracista ao colocar em primeiro

⁴ WEBER, R. *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de julho” em São Leopoldo, 1924/1949*. Novo Hamburgo: Feevale, 2004, p. 47-49.

plano a História e a Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena no ensino de História (MEC, 2003; 2008). Neste zine foram desenvolvidas outras histórias sobre a Casa da Feitoria Velha, na perspectiva de uma Educação Patrimonial (GIL, POSSAMAI, 2014) decolonizadora de saberes constituídos sobre este bem (GIL, MEINERZ, 2017). Partindo destas informações, desenvolvi dois questionamentos que expressam a minha percepção sobre a importância deste estudo: Como a construção de um zine possibilitaria o tensionamento das percepções vigentes sobre um patrimônio cultural de São Leopoldo? De que forma a E.R.E.R. no Zine contribuiria para a educação das relações étnico-raciais numa cidade considerada o berço da imigração alemã para o Brasil?

Posto estes questionamentos, tornaram-se objetivos a serem almejados no desenvolvimento deste estudo. Para tanto, esta dissertação foi organizada em quatro capítulos, contando com este. Através deles, pude reconstituir os passos dados nesta empreitada. Neste primeiro capítulo, disserto brevemente sobre as razões que me levaram a almejar uma proposta de ensino de história através da constituição de outras histórias sobre a Casa da Feitoria num breve histórico sobre a Casa através da consulta bibliográfica. Destaco nesta consulta os tensionamentos entre uma história tradicional laudatória das conquistas imigratórias e colonizadora alemãs na região do Vale dos Sinos pré-1990, e uma outra historiografia, pós-1990, pautada em desvelar o véu da invisibilidade da presença de outras populações através de suas culturas e histórias. Juntamente a isto, destaco a constituição da E.R.E.R. no Zine como uma proposta pedagógica de educação das relações étnico-raciais no ensino de história na rede municipal de ensino.

No segundo capítulo, trabalho com uma bibliografia sobre os usos dos zines no ensino e aprendizagem em diferentes áreas do ensino. Primeiramente, apresento a construção do zine como um processo em desenvolvimento desde o início deste estudo. As suas etapas de constituição, os referências bibliográficos consultados para a construção de um zine onde as presenças culturais e históricas das populações indígenas e africanas em São Leopoldo e do Vale dos Sinos estão evidenciadas, reconhecendo-as numa proposta de educação das relações étnico-raciais. Na sequência, apresento A E.R.E.R. no Zine na integra.

No capítulo três, a observância sobre os referenciais legais que estabelecem a educação das relações étnico-raciais no território brasileiro no âmbito federal, estadual, municipal e escolar. O estudo e a observância destes referenciais me possibilitou aprender a desenvolver uma percepção sobre o que eu entenderia sobre a construção de propostas de estudo e ensino das histórias e das culturas indígenas, africanas e afrodescendentes no Brasil. A partir destes, disserto sobre os conceitos de raça, racismo, discriminação e preconceito. Percebe-se um processo de ressignificação destes termos numa história de lutas e conquistas dos movimentos sociais organizados, em destaque o Movimento Negro Brasileiro, de valorização e afirmação positiva do conceito de raça, principalmente. Através dos componentes de identificação étnico-racial presentes nestes conceitos, foram constituídas ações afirmativas de reconhecimento e valorização das diversidades existentes na nossa realidade. O trato pedagógico com as diversidades destacasse como um dos objetivos primordiais deste estudo, essencial na elaboração das propostas pedagógicas de ensino de história expressas nos capítulos três e quatro.

No capítulo quatro, retomo as primeiras propostas de ensino de história na perspectiva da educação das relações étnico-raciais a partir de um patrimônio adaptado para a função de ser um dos primeiros símbolos da presença alemã na região. Num primeiro momento deste estudo, propus uma sequência de atividades envolvendo a utilização de materiais pesquisados e outros elaborados por mim sobre as presenças visibilizadas e invisibilizadas indígenas e africanas na história de São Leopoldo. Ela está dividida em quatro aulas, sendo a quarta a confecção de um zine pelos alunos sobre os conhecimentos adquiridos nas aulas um, dois e três. Em decorrência da pandemia, reestruturei o estudo para a elaboração da E.R.E.R. no Zine como objeto central deste estudo.

1.1 A Casa da Feitoria Velha, Museu do Imigrante, Casa do Imigrante? A trajetória histórica e historiográfica da Casa

Neste primeiro subtítulo disserto um breve histórico sobre a Casa da Feitoria Velha, Museu do Imigrante, conhecida como a Casa do Imigrante. Foram consultadas algumas referências bibliográficas produzidas a partir do acervo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo pelo Instituto Histórico de São Leopoldo. O contato e análise destas informações me possibilitaram um caminho de pesquisa com base no artigo de Rodrigo Luis dos Santos (2015). Nele, o autor identifica temporalidades na produção historiográfica desta instituição que se diferenciam pelo enfoque dados as pesquisas sobre a História de São Leopoldo e do Vale dos Sinos. Um destes enfoques é a temática da presença africana em São Leopoldo e no Vale dos Sinos. Este caminho levou-me num primeiro momento deste estudo a direcionar minha atenção e curiosidade para este tema. Nas adaptações deste estudo, constatou-se que seria necessário evidenciar a presença indígena na mesma região para que este estudo propusesse uma educação das relações étnico-raciais. Sigamos por este caminho com o objetivo do estudo das diversidades culturais e históricas em São Leopoldo a partir das temporalidades e momentos da história da Casa da Feitoria Velha. Estas estão expressas no capítulo três, segundo subtítulo, sobre as propostas de ensino de história anteriores a E.R.E.R. no Zine.

A Casa encontra-se interditada desde o início de 2019, em razão da queda de parte da sua fachada externa. O bem é reconhecido na memória como um marco da chegada e do início da imigração e colonização alemã em 1824. Mas antes disto foi a Sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo, que funcionou durante os anos de 1788 até 1824 no faxinal da Courita, próximo ao rio dos Sinos, atual bairro Feitoria (MORAES, 1994, p. 22). Foi um empreendimento da coroa portuguesa administrada pelo Vice-Reinado no Brasil destinado a produção de fibra de linho cânhamo para a confecção de cordames e velas para as embarcações fluviais e marítimas no interior do espaço colonial luso-brasileiro.

Foi administrada localmente através de inspetores nomeados e feitores, e utilizou-se de mão de obra escrava africana de propriedade da coroa portuguesa. Esta mão de obra originou-se da Fazenda de Santa Cruz, Rio de Janeiro, na sua maioria composta por famílias de escravizados (homens, mulheres e crianças), que foram encaminhados para a primeira sede da real feitoria na localidade do Rincão do Canguçu (região localizada entre Pelotas e Rio Grande) em 1783. Em 1788, a sede é transferida para a região do Faixinal da Courita (em São Leopoldo) levando-os consigo, sendo agregados outros escravizados por confisco e incorporados ao plantel de trabalhadores/as escravizados na nova sede. (MORAES, 1994, p. 79-84. JOHANN, 2010, p. 14)

Observou-se em Feitoria do Linho Cânhamo (MORAES, 1994) uma narrativa histórica que privilegia a história da imigração e colonização alemã iniciada no século XIX como responsável exclusiva pela fundação da História de São Leopoldo. Esse processo imigratório e colonizador fundador, de acordo com Moraes, possuiria uma importância memorialista e histórica inegável. O processo de ocupação da região da Feitoria Velha, lotes destinados a colonização imigratória alemã, deve ser conhecido “para dar mais valor à contribuição dos imigrantes como responsáveis pela instituição do regime de pequena propriedade e prosperidade da região onde nasceu e se desenvolveu São Leopoldo” (MORAES, 1994, p. 10). Este posicionamento historiográfico foi imperante por muitos anos através de várias obras historiográficas destacadas pelo historiador Rodrigo Luis dos Santos (2015) em suas pesquisas no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

Em artigo publicado nos anais do XXVIII Simpósio Nacional de História, Santos objetivou identificar e analisar a produção historiográfica tradicionalmente vinculada ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo através dos usos de seu acervo. O estudo tece considerações sobre a trajetória desse espaço de memória, destacando as mudanças ocorridas as abordagens historiográficas do seu acervo documental por estudiosos relacionados, direta ou indiretamente, a esse espaço. O museu foi fundado em 20 de setembro de 1959 pela ação de representantes oriundos de um conjunto de municípios que objetivavam “contribuir para uma retomada e preservação de aspectos históricos e culturais dos imigrantes alemães (SANTOS, 2015, p. 1). A sua constituição e de seu acervo teve como objetivo “guardar a memória dessa imigração através de

documentos e objetos” (WITT, 2011, p. 169). Mantenedora oficial e responsável legal pela edificação e o terreno da atual Casa da Feitoria Velha/Museu do Imigrante desde 1980, foi um dos principais polos de produção de narrativas históricas constituidoras de uma memória histórica geradora de sentimentos de pertencimento à uma coletividade na forma de uma comunidade germanizada (SANTOS, 2015, p. 5).

Santos utiliza-se do conceito de espaços e lugares de memória e os sentidos inerentes de sua concepção desenvolvido pelo historiador Pierre Nora, enfocando na constituição do museu como espaço de memória através da elaboração e utilização do seu acervo documental e material. Assim, a criação do museu desenvolveu-se num processo de construção da memória através de ações localizadas no tempo e no espaço por conta de determinadas situações, interesses e objetivos. Santos identifica no seu levantamento da produção historiográfica anterior à década de 1990 uma forma de narrar a história da imigração e colonização alemã com características memorialistas e laudatórias. Este tipo de posicionamento remete-se ao resgate da memória da imigração e colonização perseguida e “perdida” por conta do governo Estado Novo (1937-1945) e sua política nacionalizadora. Esta memória é analisada pela professora Roswithia Weber como a base de uma identidade de pertencimento étnico. A constituição deste pertencimento é localizada em ações de reativação de memórias coletivas edificantes através de eventos comemorativos. Estudando as comemorações voltadas a memória da imigração alemã para São Leopoldo, Weber identifica ações demarcadoras de uma memória (re)criadora do passado no presente na constituição de um futuro contemplado por uma coesão étnica de seus descendentes nas comunidades alemãs (WEBER, 2004, p. 42-44).

Quanto aos fundadores do museu, Santos (2015, p. 5) considera que suas trajetórias históricas e sociais se fundiriam a própria história do museu. Como exemplo destaca a trajetória do professor Telmo Lauro Müller, diretor e historiador oficial do museu por quase quarenta anos, exercendo estas funções até a década de 2000, ao observar que a sua forma de narrar a história da imigração alemã acabou se vinculando mais intimamente com as características memorialistas e laudatórias dessa mesma produção historiográfica, presentes nas obras de outros autores da região do Vale dos Sinos. Esta historiografia situada dos anos de 1960 aos anos de 1990, é marcada, conforme Santos, por

uma produção menos crítica estabelecendo uma relação mais próxima com a escrita laudatória. Santos evidencia que este tipo de historiografia afetou a própria forma de compreender a documentação que compõe o acervo do museu ao observar uma limitação no acesso e utilização desse acervo, de um cuidado por parte do museu “para que a documentação não fosse utilizada com o intuito de desqualificar a imigração”, priorizando “uma escrita enaltecida da imigração no sul do Brasil” (SANTOS, 2015, p. 5-6). Conforme o autor, o acervo do museu está inserido em um ambiente de construção de memória, que pode passar por (res)significações por parte de quem conduz o cotidiano da instituição, por quem o visita, e por quem se utiliza de seus acervos. Um processo de ambivalência de ressignificações que se constituiu a partir da década de 1990 através de novas historiografias sobre a História de São Leopoldo e a visibilização de outros sujeitos e histórias, como os estudos sobre a escravidão africana numa região de colonização e imigração alemã.

1.2 As diversidades e as possibilidades do ensino de outras histórias da Casa da Feitoria Velha: A temática africana em São Leopoldo

Destaco no texto de Santos (2015), para este estudo, a análise sobre alguns autores e obras identificadas por uma “mudança de rumos” de pesquisa nas temáticas relacionadas à História de São Leopoldo e a imigração alemã para o sul do Brasil. A temática da escravidão africana na região de colonização alemã é identificada como sendo um assunto controverso na produção historiográfica anterior. Santos ao analisar a obra do historiador e professor Marcos Justo Tramontini, em seus estudos sobre a estrutura e inserção política e social dos imigrantes e seus descendentes na colônia de São Leopoldo, identifica que Tramontini destacou a presença de escravos negros como bens de propriedade de alguns imigrantes alemães, e as transações envolvendo os mesmos, assim como possibilitou uma nova análise das fontes documentais existentes no acervo do museu.

Novas pesquisas sobre a temática da escravidão negra são observadas nos trabalhos de Eliege Moura Alves (2004; 2006; 2011), Miquéias Henrique Mügge e Paulo Roberto Staudt Moreira (2012; 2013; 2014). Esses estudos são fontes historiográficas e documentais para a elaboração da proposta metodológica de ensino de História e da dissertação.

Eliege M. Alves no seu texto “Presentes e Invisíveis – escravos em terras alemãs (São Leopoldo -1850-1870)” (ALVES, 2011) utilizou-se da análise de inventários de colonos de origem lusa e alemã de confissão católica referentes ao período de 1850 e 1870 no intuito de desvelar a presença escrava entre imigrantes alemães em São Leopoldo. A autora chama a atenção para um número constante de senhores de escravos na região. Dialoga com Marcos J. Tramontini (2000) quando este identifica a existência de um número considerável de escravizados negros entre os imigrantes alemães no período citado. Eliege percebe a permanência por parte de uma historiografia riograndense de “um silêncio que não permite dar visibilidade a estas populações de origem africana

e seus descendentes que contribuíram para o desenvolvimento desta região” (2011, p. 189-190).

Sobre a feitoria do linho cânhamo, destaco informações sobre sua origem, objetivos, e a composição da população africana escravizada, registrada e documentada. Homens e mulheres adultos, filhos, netos, organizados basicamente, desde a sua chegada na feitoria, em núcleos familiares e comunitários (ALVES, p. 192). Como Renata Finkler Johann (2010), no seu estudo sobre as “relações sociofamiliares dos escravos da Real Feitoria do Linho Cânhamo estabelecidas através das redes de compadrio”, entre as famílias negras escravizadas e outros escravizados que foram incorporados ao plantel da feitoria durante o seu funcionamento, Eliege destaca a existência desses núcleos familiares e comunitários na feitoria como possível causa da crise econômica do empreendimento e seu fechamento em 1824. “Será que os(as) trabalhadores(as) escravizados(as), deixados sem controle direto pelos seus administradores, não acabaram constituindo economias autônomas?” (ALVES, 2011, p. 192).

Paulo R. S. Moreira e Miquéias H. Mügge no seu livro História de Escravos e Senhores em uma região de imigração europeia (2014, p. 11), se propõem retirar “o véu da invisibilidade” sobre as populações negras ao analisarem os registros de batismos, casamentos e óbitos de escravizados nas paróquias católicas e evangélicas da região detectando um contingente considerável de escravizados/as como posses de colonos imigrantes alemães. Como Eliege Alves, os autores destacam que os contatos entre imigrantes alemães com sujeitos “participantes da diáspora negra e com a escravidão em terras brasileiras não é, de forma alguma, algo desconhecido; vem sendo, pois, paulatinamente desconsiderado.” “O peso da escravidão e o protagonismo dela na tessitura da trama das redes sociais oitocentistas foram sentidos também em São Leopoldo. A presença de alemães e de seus descendentes não impediu, por mais que uma historiografia apologética pretendesse tanto, que homens e mulheres possuíssem outros seres homens e mulheres por meio da escravidão” (MOREIRA, MUGGE, 2014, p. 10-11).

Tendo em vista a utilização da Casa da Feitoria Velha como objeto de estudo numa proposta de ensino da educação das relações étnico-raciais nas aulas de ensino de história com alunos e alunas de 8os anos do ensino

fundamental em uma escola de municipal de São Leopoldo, faz-se necessário referendar teórica e metodologicamente esta proposta. Diálogo inicialmente com as análises das professoras Carmen Zeli de Vargas Gil e Carla Beatriz Meinerz (2017) sobre a educação das relações étnico-raciais a partir dos usos simbólicos dos espaços de memória de forma positivadora na visibilização das histórias e culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras.

Estas reflexões são elaboradas a partir do conceito de cultura no plural, de um olhar decolonizador nos usos desses espaços, tendo como base as suas experimentações como professoras na formação inicial e continuada de professores/as de ensino de história. Partindo da análise de formas de percepção e apropriação simbólica de bens culturais, espaços públicos, os museus, as autoras apresentam proposições que apontam possibilidades de decolonização dos saberes em ações educativas vinculadas ao patrimônio cultural. Identificam em seus estudos que os bens culturais, na sua grande maioria, “tendem a reproduzir um olhar colonizador” branco constituídos materialmente e simbolicamente em processos de conflito na produção de sentidos sobre eles. Estes conflitos geraram esquecimentos e silenciamentos de outros grupos sociais e suas representações (2017, p. 20).

Como podemos racionalizar este conflito espacial e simbólico no interior do ensino de história? Para que um novo olhar seja atribuído no ensino de história, nas suas diferentes etapas de ensino, faz-se necessário um novo olhar sobre os currículos de ensino nas mesmas. A (re)constituição curricular poderá gerar novas práticas de ensino que poderão almejar um novo pensar historicamente sobre as realidades históricas e sociais por parte dos gestores, professores, estudantes, comunidade escolar. Neste sentido, repensar a própria história do Brasil a partir de referenciais de análise, como o conceito de raça e racismo, possibilitaria uma recuperação crítica das nossas heranças coloniais/colonizadoras que ainda projetam resultados nefastos na nossa sociedade eurocentrada e excludente.

Ao focarem a história de populações negras no Brasil, questionando a “naturalização do referencial europeu” na constituição curricular de ensino, as autoras constituem uma síntese sobre os processos de constituição de políticas afirmativas de valorização da história e da cultura não branca no nosso país através das ressignificações de conceitos como raça e negro pelos movimentos

sociais. O conceito de diversidade, como antagonista ao racismo e suas práticas discriminatórias, apresentado como elemento componente da nossa história, mas negada pela colonialidade na constituição histórica e homogeneizadora da nossa sociedade, faz-se presente e necessário de ser estudado e ensinado num processo de protagonismo e valorização de sujeitos e comunidades étnica e racialmente identificados. Caso isto não aconteça, manteremos uma proposta prejudicial dessa diversidade, pautada num racismo brasileiro que “solidificou-se historicamente através da invisibilidade experimentada nas relações informais e íntimas do cotidiano das pessoas, reproduzindo-se em gestos diários de negatificação, ridicularização e estigmatização dos grupos não brancos do país” (2017, p. 23).

Ao apresentarem dados sobre espaços museológicos e suas exposições, analisam os usos desses em propostas tradicionais, invisibilizadoras, estereotipadas, sobre a história e cultural negra africana e afrodescendente. Mas também analisam propostas de uma Nova Museologia pautada nas diversidades contempladas através de uma diversificação nas narrativas expressas nas exposições em museus públicos e/ou étnicos sobre sociedades e sujeitos não brancos. Visibilizar, valorizando o protagonismo destas e destes na história através de suas presenças em diferentes espaços e setores sociais na nação brasileira. A sociedade organizada deve ter protagonismo nas escolhas dos usos desses espaços, principalmente aqueles e aquelas que não se sintam contempladas nesses espaços. Como professor me coloco nesta posição de propor uma didática de ensino de história a partir de ação de leituras e releituras sobre as histórias de um bem, a Casa da Feitoria Velha/Museu do Imigrante/Casa do Imigrante.

2 A E.R.E.R no zine: a construção de uma forma de conhecimento para a educação das relações étnico-raciais

A proposta da E.R.E.R. no Zine também possui a sua história, tramada com a minha história profissional e acadêmica. Como leitor de histórias em quadrinhos e zines desde a minha adolescência, tive contato com estas mídias em seus diversos formatos. Como professor, leitor, e no início da minha especialização Lato Sensu em Cultura Afro-Brasileira pela Faculdade CESUCA, em Cachoeirinha, RS, fui convidado nos anos de 2006 e 2007 para participar de atividades acadêmicas e extra-acadêmicas sobre histórias em quadrinhos e zines. Uma destas experiências foram as participações como palestrante no Ciclo Mutação na Feira: Hq's, Zines, e Outras Histórias, que ocorrem todos os anos na programação oficial da Feira do Livro de Porto Alegre. As trocas de ideias, de materiais e de amizades nestes acontecimentos me possibilitaram novas experiências e aprendizados nestas mídias.

Nos anos seguintes houve um hiato nos meus estudos. Retornei a pensar sobre os zines em 2019, ano em que ingressei no Mestrado Profissional em Ensino de História. No mesmo ano, participei de novos eventos com novas possibilidades de aprendizagens. Num destes reencontrei com um colega da rede estadual de ensino. Conversamos, trocamos ideias sobre a formação que estávamos fazendo sobre histórias em quadrinhos e os usos dos super-heróis como tutores de resiliência. Nisto ele me mostrou os zines que ele editava e publicava. Um deles, que me foi dado de presente por ele, é o Mundo Gibi. Me relatou as suas experiências com zines em sala de aula, dos encontros sobre quadrinhos em Alvorada – Gibifest, Expozine –, das atividades no Ciclo Mutação na Feira. Marcamos de nos encontrarmos com mais um colega, fanzineiro desde os anos de 1980. Durante os encontros da formação, ele me repassou diversas indicações de trabalhos e publicações sobre zines e histórias em quadrinhos.

No nosso encontro, solicitei que ambos relatassem as suas experiências com os zines como professores e fanzineiros. Como elaboravam as aulas com

os zines para as turmas de 1os anos do ensino médio, os resultados, destacando a criatividade e reflexão de alguns alunos através da confecção de seus zines relacionados aos conteúdos desenvolvidos nas aulas de História, Filosofia e Sociologia. Há neles a convicção de que os processos de construção dos zines pelos alunos sobre os conteúdos de aula - nas leituras de informações e conhecimentos, na apropriação e expressão destas leituras na elaboração do zine - é um gerador de conhecimento exposto e comunicado nos seus zines. Criou-se um ambiente de excitação e de estímulo criativo. No mesmo mês fomos convidados para ministrarmos uma aula-oficina sobre a história, a produção e o uso de fanzines no ensino de história numa aula da disciplina de estágio docente em história, na Faculdade de Educação da UFRGS.

Estas maravilhosas experiências alimentaram-me com possibilidades para a constituição de propostas no ensino de história com os zines. Desde a formação de uma aula-oficina sobre zines com professores da rede municipal de ensino; evoluindo para a elaboração de zines pelos alunos do ensino fundamental sobre a história da Casa da Feitoria Velha e da população africana escravizada da Real Feitoria do Linho Cânhamo; culminando na elaboração de um zine através da perspectiva da educação das relações étnico-raciais que contemple as presenças históricas e culturais das populações indígenas e africanas no Vale dos Sinos. Neste percurso pesquisei sobre a utilização de zines no ensino de história e em outras áreas da educação. Estes referenciais teóricos e metodológicos produzidos a partir da análise de experiências de ensino com os zines me proporcionou arcabouços para a teorização sobre as possibilidades de sua utilização na educação das relações étnico-raciais no ensino de história.

A utilização do zine como recurso de materialização e de comunicação de conhecimento escolar é proposto como um dos resultados deste estudo, pensado a partir de algumas concepções básicas sobre o que é e o que poderá ser um fanzine ou zine. É a partir destas concepções de um zine que me referenciei na constituição do zine A E.R.E.R. no Zine. Edgar Guimarães, zineiro, professor e pesquisador sobre histórias em quadrinhos e zines, concebe-os como o resultado de iniciativas pessoais ou coletivas de comunicar informações de forma física sobre assuntos de interesse pessoal e coletivo (GUIMARÃES, 2005, p. 12). O zine, é um produto cultural de comunicação pois vincula a sua

circulação com a divulgação de informações e conhecimentos. Conforme Henrique Magalhães, zineiro, professor, pesquisador e editor de zines, os zines “são publicações amadoras, sem fins lucrativos, feitas geralmente de forma artesanal, em pequenas tiragens (...)” (MAGALHÃES, 2013, p. 54. In: NETO e SILVA, 2013). Como Edgar Guimarães, Henrique Magalhães identifica e analisa a informação visual e escrita como característica e componente permanente de um zine, “a matéria prima” que se utiliza para constitui-lo forma de narrativa (MAGALHÃES, 1993, p. 15. In: ANDRADE e SENNA, 2015, p. 2883).

O zine pode ser adjetivado a partir da forma que você deseja se expressar e sobre o que você deseja comunicar. Mas, ele torna-se um zine ao informar outras pessoas em outros locais através de seu conteúdo. E ao informar, possibilitar a geração de reflexões sobre o que foi informado por quem o lê. Sobre a pessoa, o zineiro, está a responsabilidade sobre as escolhas na elaboração e utilização do zine. Em relação a constituição e comunicação de conhecimentos históricos, os zines podem ser concebidos inicialmente como instrumentos de construção e apresentação de informações e conhecimentos adquiridos e compreendidos em sala de aula ou em outros espaços de ensino. Neste estudo, o zine será interpretado como o produto de um trabalho de pesquisa e constituição de conhecimento para o ensino de História. O zine poderá ser ressignificado a partir de quem o elabora, da forma como é elaborado, que informações e conhecimentos são expressos e a quem ele informa.

A proposta da E.R.E.R. no Zine como objeto pedagógico na elaboração e comunicação de conhecimentos escolares referencia-se em bibliografia consultada diferentes áreas de ensino, nos níveis de ensino fundamental, médio, superior e de pós-graduação acadêmica. Ruth Rejane Perleberg Lerm (2016) apresentou em publicação da ANPAP⁵ um breve levantamento bibliográfico sobre zines em bancos nacionais de teses e dissertações acadêmicos de acesso virtual⁶. Identificou predominantemente a presença do zine como objeto de estudo, corpus de análise, meio expressivo ou proposta resultante da pesquisa. Como recurso pedagógico no desenvolvimento da produção textual pelos

⁵ Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.

⁶ Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2016/simposios/s6/ruth_rejane_perleberg_lerm.pdf Acesso em 19 de maio de 2019.

alunos, a autora cita a tese de doutoramento de Juçara Benvenuti⁷ (2011) onde o zine é planejado como uma das três produções textuais programadas para serem construídas e apresentadas pelos alunos em nível de ensino médio na modalidade do ensino de jovens e adultos (LERM, 2016, p. 3022). O zine tornou-se um material a ser distribuído na formatura dos alunos. Uma forma de visibilizar para todos e todas presentes na cerimônia um conjunto de conhecimentos e informações adquiridos pelos alunos e expressos de forma autoral por eles no zine. Sobre a autoralidade e a expressividade nos zines, utilizo-me da publicação de Sandro Silva de Andrade e Nádia da Cruz Senna. No estudo apresentado em comunicação pela ANPAP, destacaram propostas pedagógicas transformadoras que se utilizam do zine como “ferramenta ativadora de expressividade e autoralidade” no interior do processo educativo (ANDRADE e SENNA, 2015, p. 2880-2891). Ao destacarem que o zine é um objeto de fácil produção e reprodução nos espaços de ensino, o caracterizam como um recurso didático e um suporte para “experimentações artísticas e críticas acerca de formação de alunos e professores” (2015, p. 2884). No trabalho de Fernanda Ricardo Campos⁸, é destaca a sua investigação sobre o uso do zine em sala de aula como ferramenta auxiliar no processo de produção textual pelos alunos. Campos relaciona a produção do zine pelos alunos como um exercício de autoralidade e expressividade planejado e aplicado pelo professor em desenvolvimento conjunto com os alunos. Identifica um potencial de desenvolvimento de autonomia pelos alunos na constituição e comunicação de informações e conhecimentos. “O aluno que aprende a produzir um fanzine aprenderá a se expressar não apenas para a comunidade escolar como um todo, mas também para a comunidade extraescolar (amigos, família, amigos)” (CAMPOS, 2009, p. 1. In: ANDRADE e SENNA, 2015, p. 2891).

⁷ BENVENUTI, J. **Letramento, leitura e literatura no ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos: uma proposta curricular**. 2011. 248 p. Tese (Doutoramento em Linguística Aplicada), Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37807/000823167.pdf?sequence=1> Acesso em 19 de maio de 2019.

⁸ CAMPOS, F. R. **Fanzine: Da publicação independente à sala de aula**. III ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO. Belo Horizonte, MG: 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/109312752/Fanzine> Acesso em 19 de maio de 2019.

A gama de possibilidades de confecção, comunicação e análise dos zines expressa netas poucas informações, demonstram para mim neste estudo a riqueza teórica e metodológica deste produto. Pensa-lo e materializá-lo – ou digitalizá-lo – como um conhecimento histórico escolar em desenvolvimento é pensá-lo como experiência formativa dos professores e alunos. Como não pude aplicar esta proposta de ensino e aprendizagem com meus alunos, relato uma experiência com a confecção de zines na escola Olímpio. No 2º semestre de 2019, propus aos meus alunos dos 8^{os} e 9^{os} anos do ensino fundamental uma aula-oficina sobre fanzines e zines. Num primeiro momento eles conheceram sobre o que seria um fanzine e um zine. Num segundo momento solicitei que escolhessem algum assunto de seu interesse para a elaboração de um zine. Num terceiro momento deveria haver a utilização do zine para a materialização de conhecimentos aprendidos nas aulas de ensino de história. Porém, as circunstâncias possibilitaram somente concluirmos as duas primeiras etapas. Mas, desta produção de zines foram apresentados temáticas, informações e conhecimentos que materializaram sentimentos e experiências, que intrigavam, incomodavam os alunos zineiros. Histórias em Quadrinhos, animes, sexualidade, jogos violentos, dança, música, fatos e acontecimentos atuais, entre tantos outros. Demonstrou-se na prática diárias das aulas um desejo de comunicar e compartilhar suas experiências de vida até a idade adolescente contendo, em alguns casos, perspectivas para o futuro.

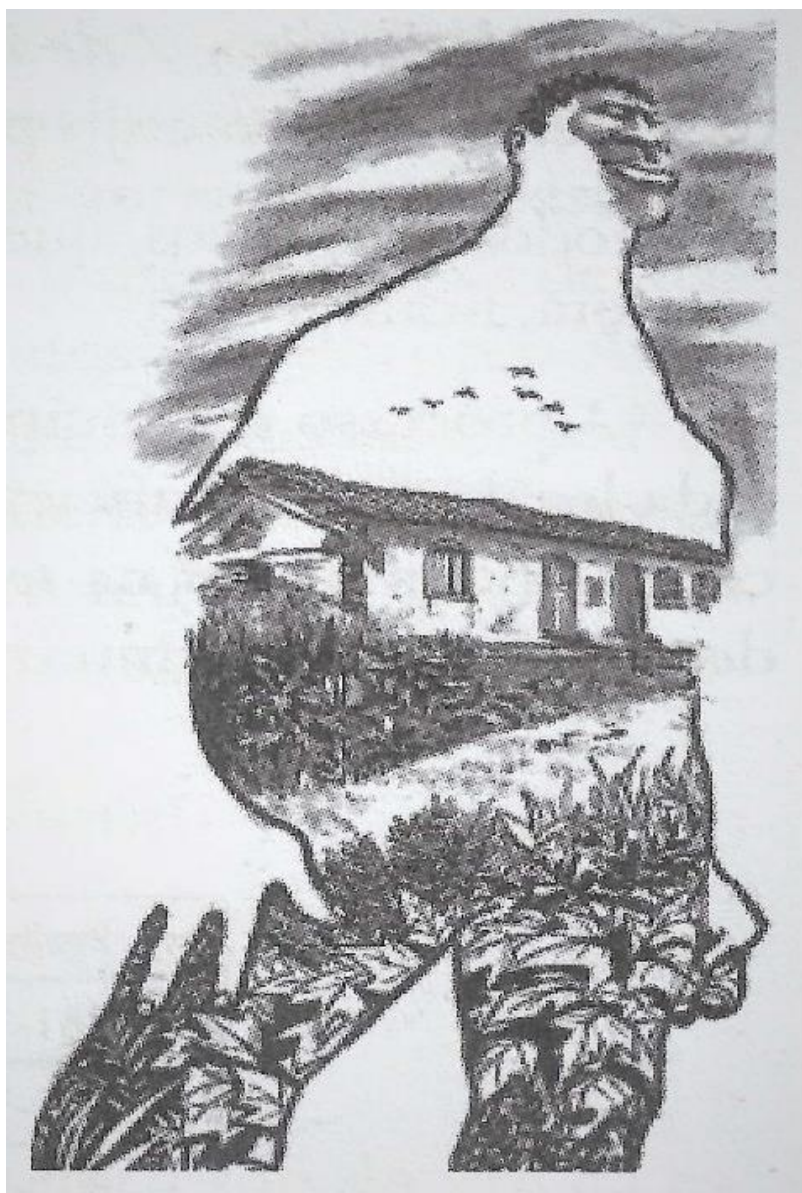
Ao propor a concepção e expressão de conhecimentos históricos escolares a partir de zines, revejo esta experiência e as possibilidades de aprimoramento deste estudo com a sua aplicação em sala de aula com os alunos. Compreender a necessidade de expressão e comunicação dos alunos, mas os capacitando para que possam expressar não somente os seus sentimentos e conhecimentos de vida. Que se tornem as bases criativas na confecção de conhecimentos escolares. Que possam se cercarem de amigos e colegas na comunicação e troca de conhecimentos e experiências no ensino de história. Que possam estabelecer outros conhecimentos ao conhecerem sobre as diversidades históricas e culturais que compõem o município onde residem.

2.1 A E.R.E.R. no ZINE

A E.R.E.R. no Zine foi concebida e constituída como um dos resultados deste estudo no campo do ensino de história. Nele consta todo o meu esforço e dedicação como professor/estudante/pesquisador. Em decorrência de todo um conjunto de restrições sanitárias impostas pela pandemia nos anos de 2020 e 2021, optei por não aplicar o plano de ensino expresso no capítulo 4. Tornou-se mais viável neste contexto que eu construísse a E.R.E.R. no Zine a partir do processo de levantamento de informações e de conhecimentos desenvolvidos e expressos nesta dissertação.

Optei for confeccioná-lo de forma virtual através do programa Office do Windows. A E.R.E.R. no Zine foi alimentada inicialmente com informações do quadro sintético das temporalidades na história da Casa da Feitoria Velha/Museu do Imigrante/Casa do Imigrante. O termo temporalidade foi adaptado em momentos para facilitar a leitura e compreensão do conteúdo do zine pelos alunos. Para cada momento foram elaborados informações e conhecimentos sobre as presenças culturais e históricas das populações indígenas kaingang e africanas no sul do Brasil e na região do atual Vale dos Sinos.

Utilizei-me de referenciais historiográficos – expressos nesta dissertação – na composição e adequação dos conteúdos do zine para a sua melhor leitura e compreensão pelos alunos. Agreguei ao zine imagens sobre as populações indígenas e africanas de publicações impressas e virtuais. As referências encontram-se juntamente as imagens no zine. Houve um rigor nesta construção ao referenciar estas informações e conhecimentos para que o leitor possa consultá-las na obtenção de mais informações, possibilitando uma futura aplicação da proposta de ensino de história com os alunos. Boa leitura a todos!



A E.R.E.R. NO ZINE: ENSINANDO OUTRAS HISTÓRIAS DA CASA DA FEITORIA VELHA:

**A visibilização da História e da Cultura das
populações indígenas e africanas através do
patrimônio cultural em São Leopoldo**

**Pessoas comuns, histórias incríveis (...)
Fernanda Oliveira da Silva [et al.]
Artista Bruno Ortiz**

Olá! Meu nome é Christian. Sou professor de História no município de São Leopoldo. Tenho o imenso prazer de lhe apresentar este Zine, que carinhosamente chamo de a E.R.E.R no Zine, a Educação das Relações Étnico-Raciais no Zine.

Ele foi elaborado com informações sobre a presença cultural e histórica de comunidades e populações indígenas e africanas invisibilizadas numa História de São Leopoldo em que a presença cultural europeia está em maior destaque.

Para ensinar estas Outras Histórias, dividi este zine em cinco momentos da História da Casa da Feitoria Velha. Estes momentos foram elaborados com o objetivo de ser um fio condutor destas outras histórias.

Convido você a me acompanhar na leitura deste zine para que possamos conhecer e aprender com a História e a Cultura Indígena e Africana em São Leopoldo. Venha comigo!

“A História única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas, que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única História.” O perigo de uma história única. Chimamanda Ngozi Adiche.





<https://comin.org.br/wp-content/uploads/2019/08/Rede-Municipal-de-Ensino-de-Novo-Hamburgo-%E2%80%93-visita-%C3%A0-comunidade-Kaingang-Por-Fi-Ga-de-S%C3%A3o-Leopoldo.jpg>



<https://jornalnh.com.br/noticias/regiao/2019/11/19/consciencia-negra--a-cultura-tambem-esta-inserida-na-educacao.html>



<https://comin.org.br/wp-content/uploads/2019/08/Grupo-de-dan%C3%A7a-Kaingang-na-Escola-EMEI-Santo-Antonio.jpg>



https://www.jornalvs.com.br/_conteudo/2016/11/entretenimento/2030973-20-de-novembro-dia-da-consciencia-negra.html

Os Momentos da História da Casa do Imigrante

1o. Antes da Casa da Real Feitoria – Séculos 16, 17, 18

A presença de populações indígenas e africanas no Brasil e no Rio Grande do Sul antes da fundação da Sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo. Um período de afastamento e aproximação de comunidades indígenas; e da chegada de populações africanas na Faixinal da Courita para compor a mão de obra escravizada da Real Feitoria.

2o. A Constituição do espaço da Real Feitoria – 1788 à 1824

A fundação da Real Feitoria até o seu encerramento. A constituição de uma comunidade africana escravizada através das suas famílias e seus descendentes.

3o. A Desconstituição do espaço da Real Feitoria do Linho Cânhamo – 1824 à 1924

O fechamento da feitoria e sua readaptação como local de chegada dos primeiros imigrantes alemães a partir de 1824. A presença africana está nos espaços públicos e particulares da Vila de São Leopoldo. Os processos de aldeamento e catequização de populações indígenas.

4o. A Recuperação e Reconstituição de um outro espaço e uma outra casa – 1924 à 1980

A revitalização do terreno e da casa da feitoria velha como parte do processo de comemoração do centenário da imigração alemã em 1924. O aldeamento e adaptação das populações indígenas no sul do Brasil, e a organização de associações e agremiações negras no Vale dos Sinos.

5o. As novas reconfigurações da Casa da Feitoria Velha nos anos 1980 à 2019

O tombamento e patrimonialização da Casa da Feitoria Velha como bem cultural relacionado à imigração e colonização alemã. A constituição e desenvolvimento da comunidade Kaingang Por Fi Gã na região da Feitoria. A representatividade da comunidade negra em espaços públicos na deliberação e aplicação de políticas públicas afirmativas.

Antes da Casa da Feitoria - Séculos 16, 17, 18

Ranh ke (afastar-se, em kaingang) - O século 16 foi um período de contatos ocasionais entre indígenas e europeus. Viajantes e cronistas escreveram sobre os Guaianá, antepassados dos Kaingang do sul. Os Kaingang foram descritos como indígenas Coroados, com o corte de cabelo coroadado.

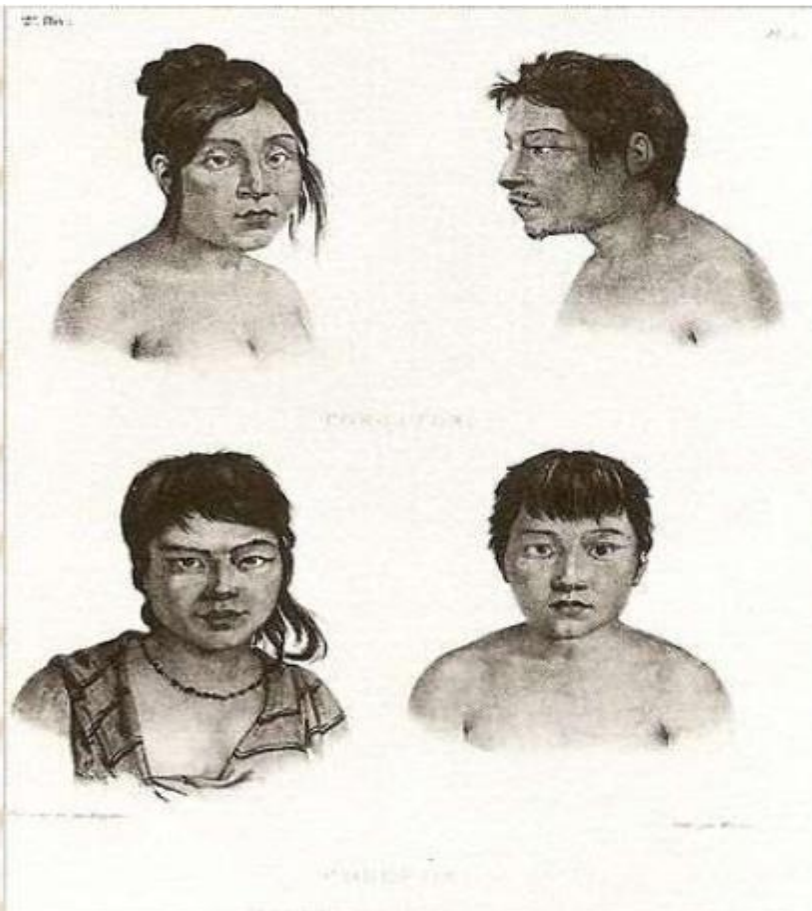
No século 17 ocorreram as migrações dos Guaianá para o sul. Foi um momento de aproximação, encontro (mõj), através dos contatos com os missionários jesuítas ao norte da província do Rio Grande do Sul.

No século 18 ocorreu o estabelecimento dos Guaianá/Kaingang no Rio Grande do Sul com os aldeamentos - nigja, o assento de populações Kaingang em determinadas regiões.

A seguir, algumas imagens sobre este período.

Índios coroados e coropós, em desenho

de Johann Moritz Rugendas.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Rugendas_-_Coroatos_e_Coropos.jpg



Homem kaingang do Ivaí (PR) fabricando uma
cesto. Foto: Harold Shultz, 1946.
[https://img.socioambiental.org/v/publico/kaingang
g/kaingang_20.jpg.html](https://img.socioambiental.org/v/publico/kaingang/g/kaingang_20.jpg.html)



RENCONTRE D'INDIENS AVEC DES VOYAGEURS EUROPÉENS.

Encontro de Índios com Viajantes Europeus, 1835

Johann Moritz Rugendas

Litografia

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa707/johann-moritz-rugendas>

Grupo de índios acampados,
Minas Gerais, 1822-1825
Johann Moritz Rugendas
Nanquin e grafite sobre papel
<https://www.pinterest.com/pin/534098837056197731/>



Vaqueiro transportando mulas.

<http://historiaonline2.blogspot.com/2009/08/pecuaria.html>



Abate do gado bovino nas charqueadas.

<http://projetculturaafro.blogspot.com/2015/05/o-negro-no-rio-grande-do-sul.html>



Transporte do gado abatido.

<http://construindohistoriahoje.blogspot.com/2011/07/o-escravo-no-rio-grande-do-sul.html>



Neste período da História, as populações africanas estavam presentes em todo o território do Brasil. No Rio Grande do Sul “os africanos e seus descendentes trabalhavam em todas as funções possíveis, desde os primeiros tempos da presença lusitana(portuguesa) no Rio Grande de São Pedro. Eles foram verdadeiros colonos na região, pois seu trabalho garantiu a ocupação portuguesa do território”. (Trecho do livro *Pessoas comuns, Histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense*. EST. Porto Alegre. 2017)

A formação de uma comunidade africana: A Constituição do espaço da Sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo – 1788 à 1824

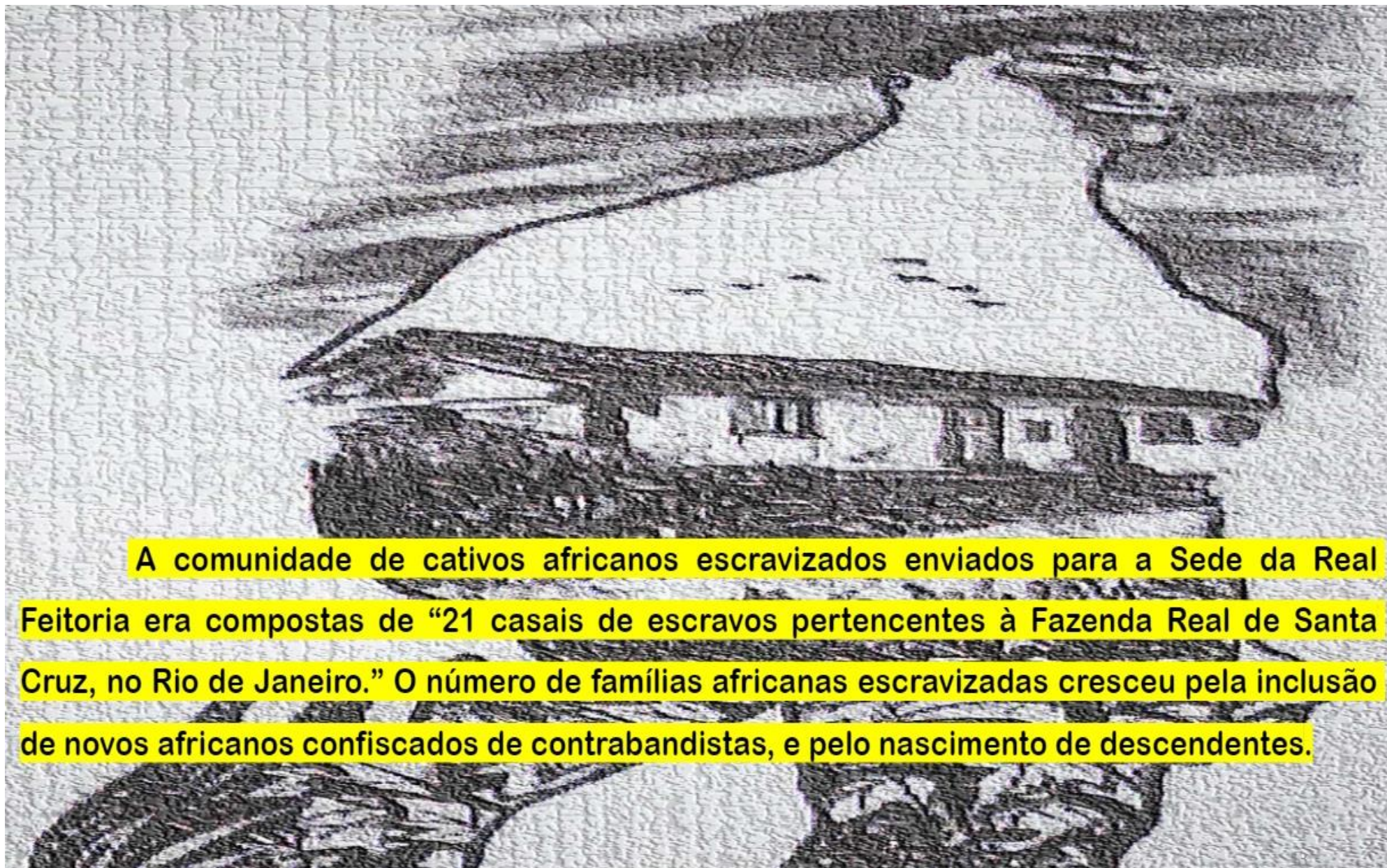
A Real Feitoria do Linho Cânhamo foi um modelo de plantation escravocrata, a plantação de produtos tropicais para a exportação que utiliza mão de obra escravizada. Ela possuiu administradores e feitores responsáveis por uma população africana escravizada de propriedade do governo português.

Imagem da Casa da Feitoria Velha desocupada onde podemos identificar parte da fachada desabada no início do século 20.
https://www.jornalnh.com.br/_conteudo/noticias/regiao/2019/03/2384079-veja-fotos-de-antes-e-depois-do-desabamento-da-casa-do-imigrante.html

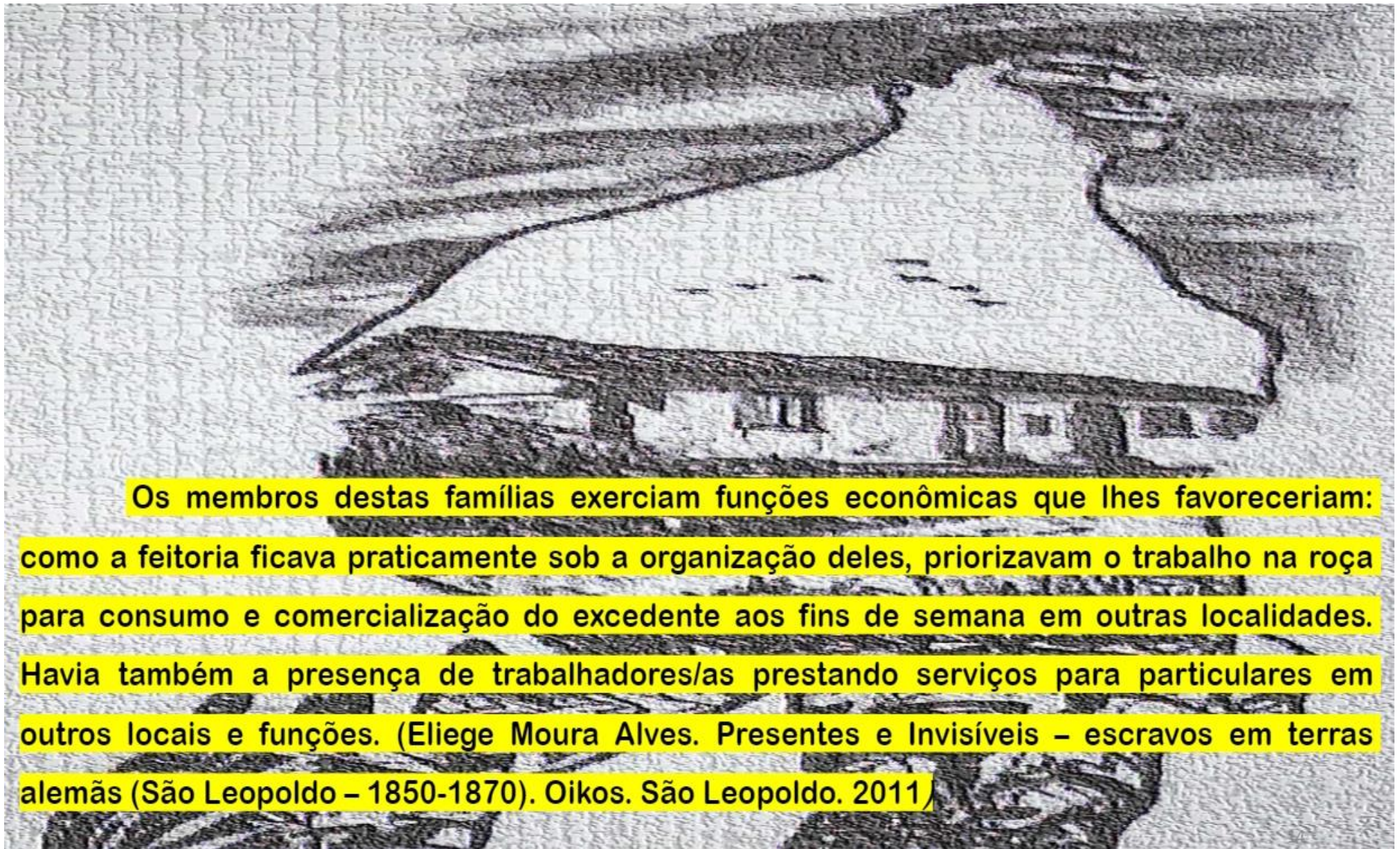


Imagem da Casa da Feitoria Velha desocupada no início do século 20 com as suas características de uma construção nos moldes portugueses.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_da_Feitoria

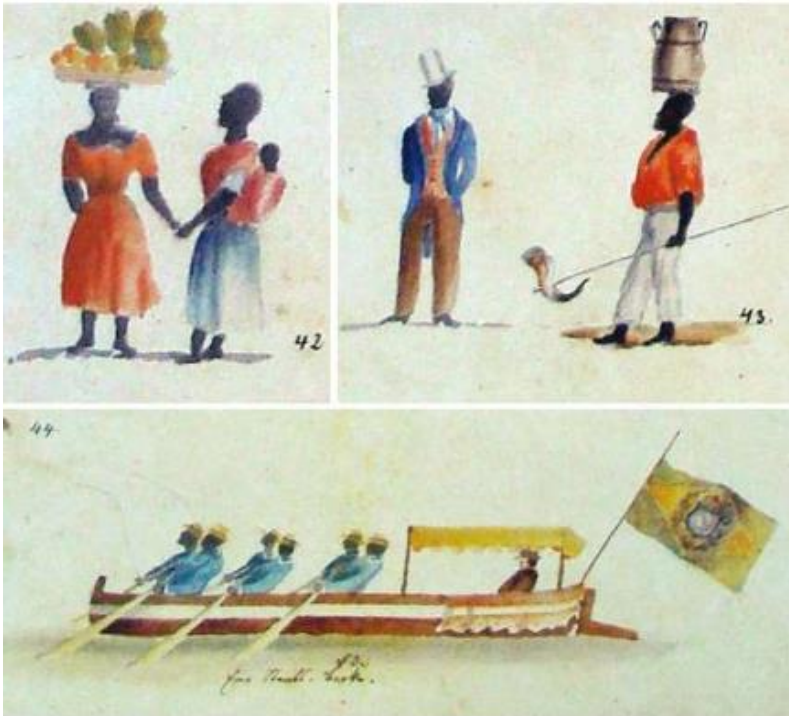




A comunidade de cativos africanos escravizados enviados para a Sede da Real Feitoria era composta de “21 casais de escravos pertencentes à Fazenda Real de Santa Cruz, no Rio de Janeiro.” O número de famílias africanas escravizadas cresceu pela inclusão de novos africanos confiscados de contrabandistas, e pelo nascimento de descendentes.



Os membros destas famílias exerciam funções econômicas que lhes favoreceriam: como a feitoria ficava praticamente sob a organização deles, priorizavam o trabalho na roça para consumo e comercialização do excedente aos fins de semana em outras localidades. Havia também a presença de trabalhadores/as prestando serviços para particulares em outros locais e funções. (Eliege Moura Alves. Presentes e Invisíveis – escravos em terras alemãs (São Leopoldo – 1850-1870). Oikos. São Leopoldo. 2011)



Herrmann Wendroth – Aquarelas sobre as populações negros do Rio Grande do Sul. À esquerda, trabalhadores/as. Acima, dança ao som do Sopapo, tambor tocado em festejos.

<https://genealogices.wordpress.com/2021/02/07/processos-contra-soldados-alemaes/>

<http://www.nonada.com.br/2020/10/tambores-do-sul-da-comunicacao-ancestral-a-musica-popular/>

Olhe só que interessante: os africanos que lá viviam comercializavam produtos das suas hortas aos domingos, estabelecendo contatos com pessoas da região. Esta autonomia era negociada com seus feitores e administradores da feitoria. Quando estas negociações não ocorriam, movimentos de resistência dos africanos escravizados eclodiam na feitoria: fugas e roubos de animais, música e dança nas senzalas, como formas de rebelião contra à opressão de seus administradores. (Maximiliano M. Menz. Os escravos da feitoria do linho cânhamo: trabalho, conflito e negociação. UFB. 2005)

A Desconstituição do espaço da Sede da Real Feitoria do Linho Cãnhamo – 1824 à 1924

A Real Feitoria do Linho Cãnhamo foi extinta em 31 de março de 1824. A comunidade de africanos escravizados é levada para o Rio de Janeiro e as terras são destinadas para a criação da Colônia Alemã de São Leopoldo, em 25 de julho de 1824. A fazenda tornou-se local de chegada e acolhimento das primeiras levas imigratórias alemãs para a colonização de lotes de terras na região da Feitoria Velha.

Imagem da Casa da Feitoria antes da reforma que lhe atribuiu o aspecto alemão enxaimel.
<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/06/18/restauracao-da-casa-do-imigrante-em-sao-leopoldo-vai-custar-pelo-menos-r-15-milhao-estima-prefeitura.ghtml>



Tela do pintor alemão Ernst Zeuner (1895-1967) retratando a chegada dos primeiros imigrantes alemães pelo rio dos Sinos.
<https://br.pinterest.com/pin/453315518713783163/>



O século 19 foi um período de transformações para as populações indígenas. O contato permanente de catequizadores auxiliou nos aldeamentos, e com uma política governamental de estímulo à imigração de populações europeias para a colonização do território.

Estes dois fatores, catequese e colonização, foram transformadores nas práticas sociais e culturais dos Kaingang no sul. Identificados como Bugres, Coroados, os Kaingang protestaram e entraram em conflito com estes agentes transformadores no seu dia a dia. (Ítala Basile Becker. O índio kaingang no Rio Grande do Sul. Unisinos. São Leopoldo. 1995)



Kaingang contra colonos em Nonoai. Foto: Assis Hoffman, 1978.
https://img.socioambiental.org/v/publico/kaingang/kaingang_11.jpg.html



Concun, cacique do Toldo, com 80 anos, e Moreira, seu ajudante. Foto: acervo Museu do Índio, década de 1920.
https://img.socioambiental.org/v/publico/kaingang/kaingang_7.jpg.html



Kaingang aldeados. Foto: acervo Museu do Índio, década de 1950.
https://img.socioambiental.org/v/publico/kaingang/kaingang_12.jpg.html

Neste período ocorreu a ocupação dos lotes de terra, antes destinados à Feitoria, pelos imigrantes europeus alemães. Houve na época a aquisição e utilização de mão de obra escravizada africana por parte de alguns destes imigrantes. Constitui-se na região um espaço social marcado por uma diversidade de sujeitos de origem europeia e africana.

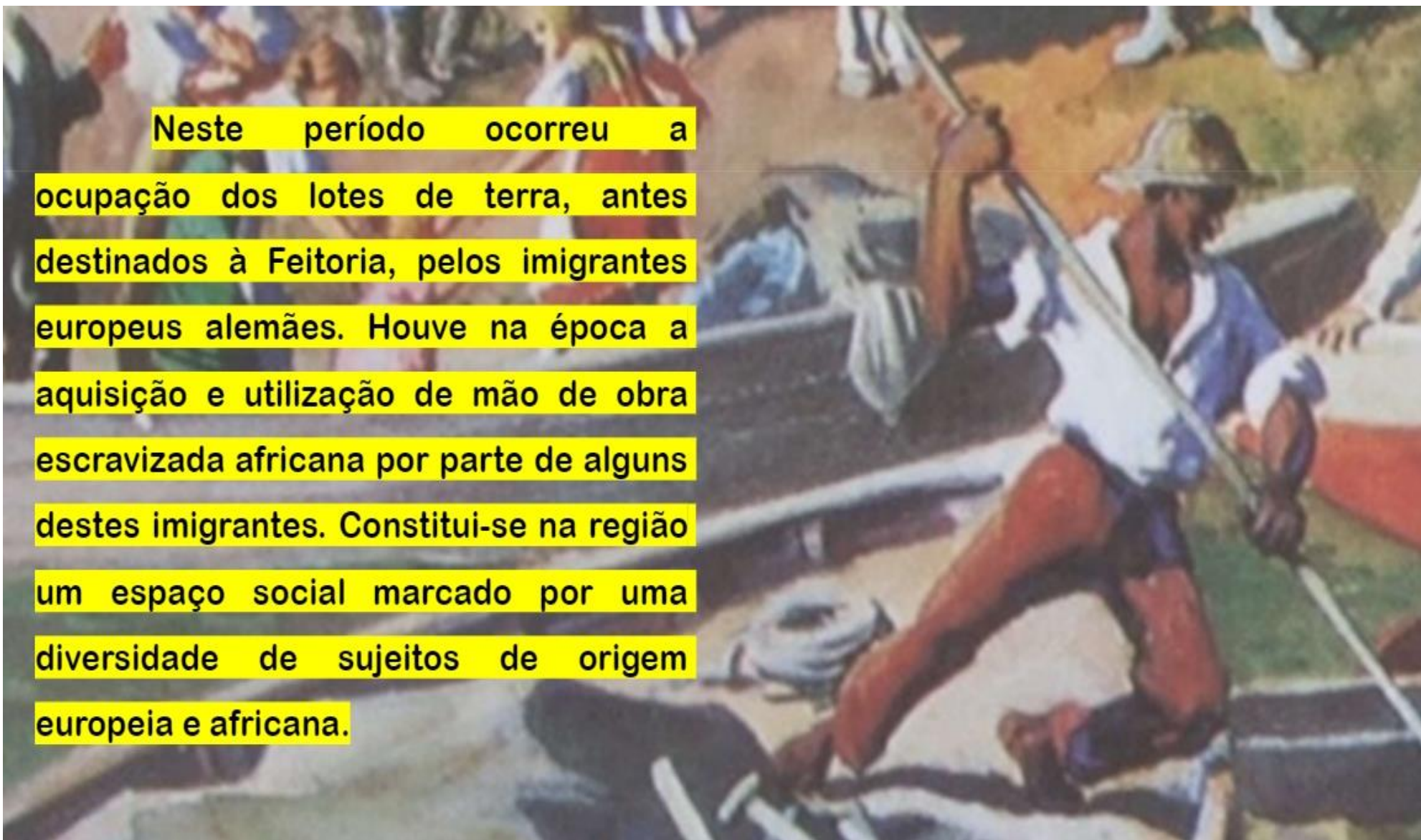


Tabela 1 - Inventários *post-mortem* de senhores escravistas
(São Leopoldo)⁴

Período	Nº de inventários	%	Nº de escravos	%
1834 a 1849	26	9,56	185	11,88
1850 a 1860	82	30,15	514	32,60
1861 a 1871	97	35,66	574	36,84
1872 a 1888	67	24,63	285	18,29
Total	272	100,00	1.558	100,00

O que a tabela acima evidencia, além de mostrar um espaço profundamente entrelaçado com o escravismo, é que a presença cativa se intensifica à medida que os *colonos* alemães e seus descendentes obtêm êxito em ultrapassar a produção para o consumo familiar, passando a exportar bens primários e manufaturados, principalmente via Porto Alegre. Isso ocorre, justamente, a partir de meados do século XIX, o que justifica que, somando os períodos de 1850-1860 e 1861-1871, temos 65,81% dos inventários e 69,44% do total dos escravos.

MOREIRA e MUGGE. Histórias de Escravos e Senhores em uma região de imigração europeia. São Leopoldo. Oikos, 2014.



Uma outra forma de ilustrar a presença africana na sociedade sãoleopoldense no século 19 são algumas imagens da história em quadrinhos de Jader Santini, *O fogo que arde em meu peito*, de 2020. Nela são retratadas as desventuras de Maria, mulher africana escravizada.

Leia comigo: Neste trecho da história, página 12, a personagem observa as escondidas a leitura do testamento do seu proprietário falecido. Destaca-se o número de africanos escravizados deixados como herança para seus familiares.





JEDER SANTINI

20

A luta dos africanos cativos pela sua liberdade e de suas famílias é retratada quando um trabalhador africano escravizado compra a sua liberdade para trabalhar e acumular dinheiro com o objetivo de libertar a sua família.

O fogo que arde em meu peito,
p.20 e 24.



JEDER SANTINI

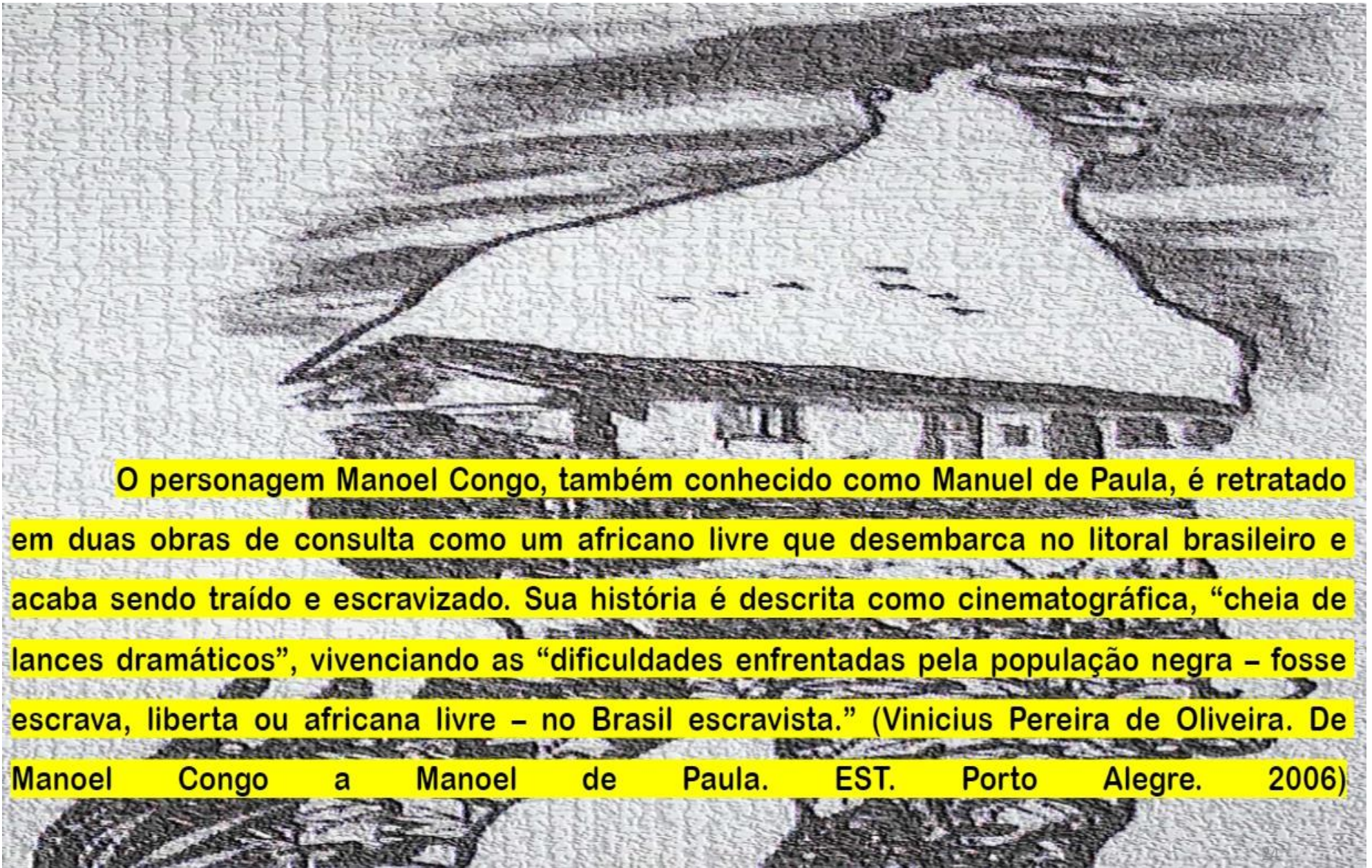
24

A presença africana em São Leopoldo no século 19 foi significativa. No primeiro Código de Posturas de São Leopoldo, de 1848, época em que São Leopoldo foi elevada a condição de Villa, destaco a presença de artigos que estabelecem a conduta dos senhores de africanos escravizados, e as proibições aos escravizados:

- Multa por castigos aos cativos particulares após o horário comercial “que encomodem a vizinhança.”(Artigo 17º);
- A higiene sanitária da população escravizada com a vacinação (Artigo 27º);
- A proibição aos escravos e escravas de moradia na villa sem a presença de seus proprietários (Artigo 12º);
- As quantias pagas aos Capitães do Mato pela captura de escravizados fugitivos e aquilombados (Artigo 20º).

(Carlos de Souza Moraes. Feitoria do Linho Cânhamo. ParLenda. São Leopoldo. 1994)

Tenho uma história sobre um personagem peculiar para lhe contar. Venha comigo!



O personagem Manoel Congo, também conhecido como Manuel de Paula, é retratado em duas obras de consulta como um africano livre que desembarca no litoral brasileiro e acaba sendo traído e escravizado. Sua história é descrita como cinematográfica, “cheia de lances dramáticos”, vivenciando as “dificuldades enfrentadas pela população negra – fosse escrava, liberta ou africana livre – no Brasil escravista.” (Vinicius Pereira de Oliveira. De Manoel Congo a Manoel de Paula. EST. Porto Alegre. 2006)

Dez anos de escravização: Manoel Congo e as falhas da lei

* *Litoral sul-rio-grandense, 1852.* Uma embarcação cheia de africanos encalha nas proximidades da praia de Tramandaí. Dentre os embarcados estava Manoel Congo. Ele já sabia, lá na África, que a escravização de pessoas na condição dele havia sido proibida no Brasil. Por isso, assim que alcançou as areias da costa sul-rio-grandense, saiu em fuga obstinado a denunciar sua situação a uma autoridade. Na altura de Santo Antônio da Patrulha encontrou um coronel que lhe prometeu ajuda. Partiram rumo a São Leopoldo, onde vivia o seu “benfeitor”. Não tardou para Manoel perceber que, entre uma promessa e outra, havia sido escravizado. Demorou dez anos para que conseguisse fugir e chegar à Santa Casa da capital, onde encontrou cuidados e a condição de viver como africano livre.¹³



A Recuperação e Reconstituição de um outro espaço e uma outra casa – 1924 à 1980



CASA HISTÓRICA EM FEITORIA VELHA RECONSTRUIDA DE ACORDO COM A LEI Nº 3.000 DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO DO MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO EM 1941, DURANTE O MANDATO DO PREFEITO SR. CORONEL THEODOMIRO PORTO DA FONSECA.
DOMICÍLIO DOS PRIMEIROS COLONOS IMIGRANTES ALEMÃES EM 1824. DESENHO POR THE WIEDERSPAHN & TRIG. FOTO ARQUIVO PORTO ALEGRE.

1924 – Comemoração dos cem anos da chegada dos primeiros imigrantes alemães em São Leopoldo: Ocorreu o início do processo de revitalização do terreno e da Casa da Feitoria Velha e sua projeção como um museu municipal da imigração alemã.

Conforme consta no texto, “Em 1941, o arquiteto alemão Theo Wiederspahn foi contratado pela Prefeitura de São Leopoldo para “restaurar” a antiga Casa da Feitoria, instalando nela um grupo escolar. Wiederspahn praticamente reconstruiu o prédio de forma idealizada, visando recuperar o aspecto visual da estrutura de “pau a pique” original da edificação.”

<http://memoriadrops.blogspot.com/2016/02/theo-wiederspahn-e-germanizacao-da-casa.html>

Décadas de 1930 e 1940: A reconfiguração estética da casa nos seus aspectos atuais (arquitetura enxaimel alemã) e sua utilização como escola municipal de ensino fundamental João Daniel Hillebrand, de 1942 à 1976.

Fotografia comemorativa após a restauração da casa.
<https://imigrantesbrasil.blogspot.com/2013/05/a-casa-do-imigrante-casa-da-feitoria-de.html>



A constituição do Kaingang contemporâneo - Século 20

A penetração colonizadora nos territórios indígenas continua neste período através de ações governamentais e particulares de ocupação de territórios indígenas. Nestes territórios estão os meios necessários para a manutenção de seu modo de viver indígena kaingang.

As aldeias Kaingang estão organizadas em Toldos ou Postos numa área territorial reservada na margem esquerda do rio Uruguai com a assistência das comissões de terras do Estado. O cacicado permanece como o principal poder em cada aldeia. Nas aldeias os costumes indígenas são preservados e adaptados conforme as necessidades dos indígenas.

(Maria Damasceno. O ir e vir kanhgág em São Leopoldo (1996-2016). São Leopoldo. 2017)

Carimbo de taquara kaingang. Foto: Vladimir Kozak, 1955.

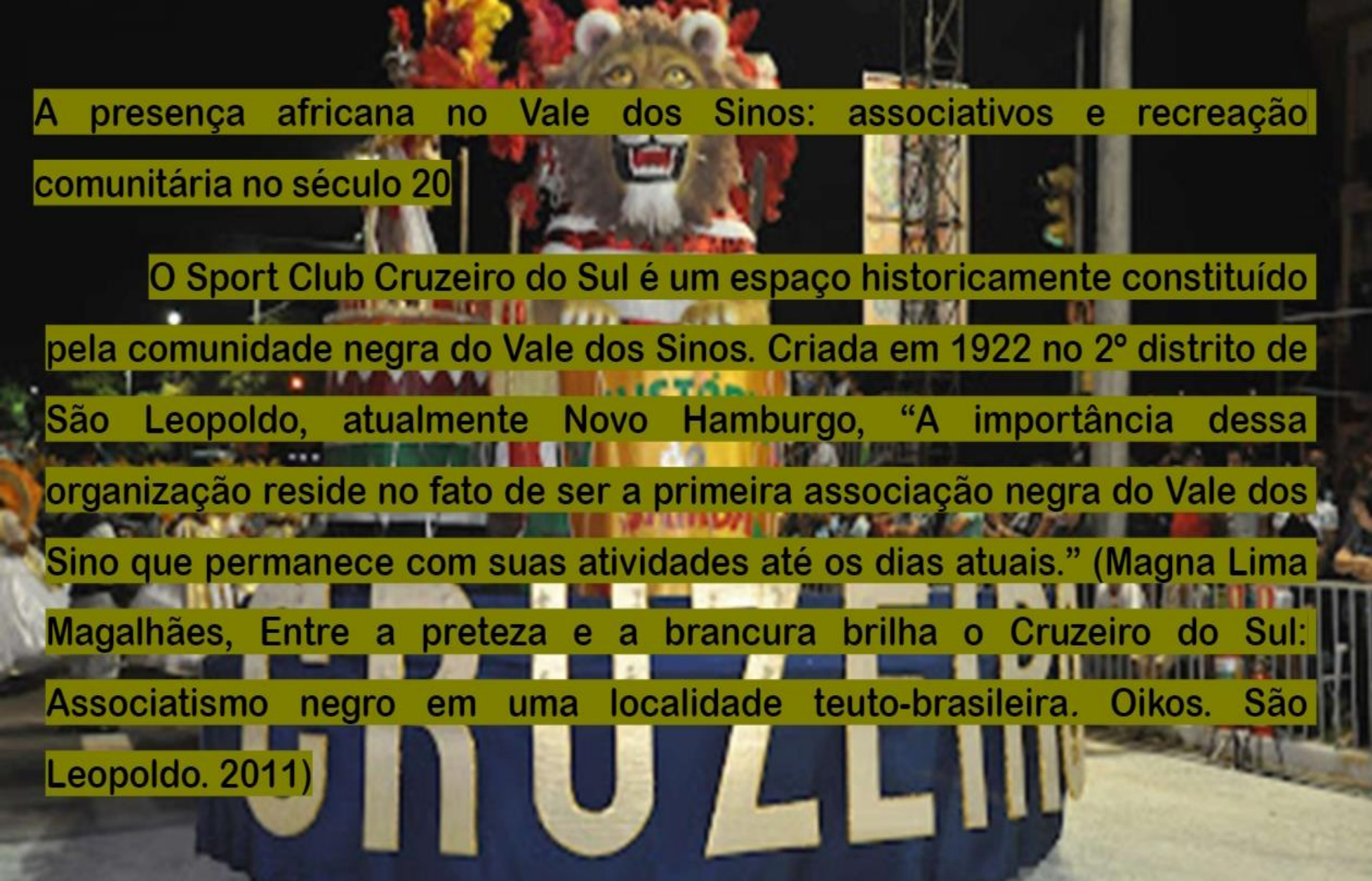
https://img.socioambiental.org/v/publico/kaingang/kaingang_17.jpg.html



Familia kaingang fazendo fogo de chão na Terra Indígena Apucarantina (PR). Foto:

Kimiye Tommasino, 1999.

https://img.socioambiental.org/v/publico/kaingang/kaingang_13.jpg.html



A presença africana no Vale dos Sinos: associativos e recreação comunitária no século 20

O Sport Club Cruzeiro do Sul é um espaço historicamente constituído pela comunidade negra do Vale dos Sinos. Criada em 1922 no 2º distrito de São Leopoldo, atualmente Novo Hamburgo, “A importância dessa organização reside no fato de ser a primeira associação negra do Vale dos Sinos que permanece com suas atividades até os dias atuais.” (Magna Lima Magalhães, Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul: Associativismo negro em uma localidade teuto-brasileira. Oikos. São Leopoldo. 2011)

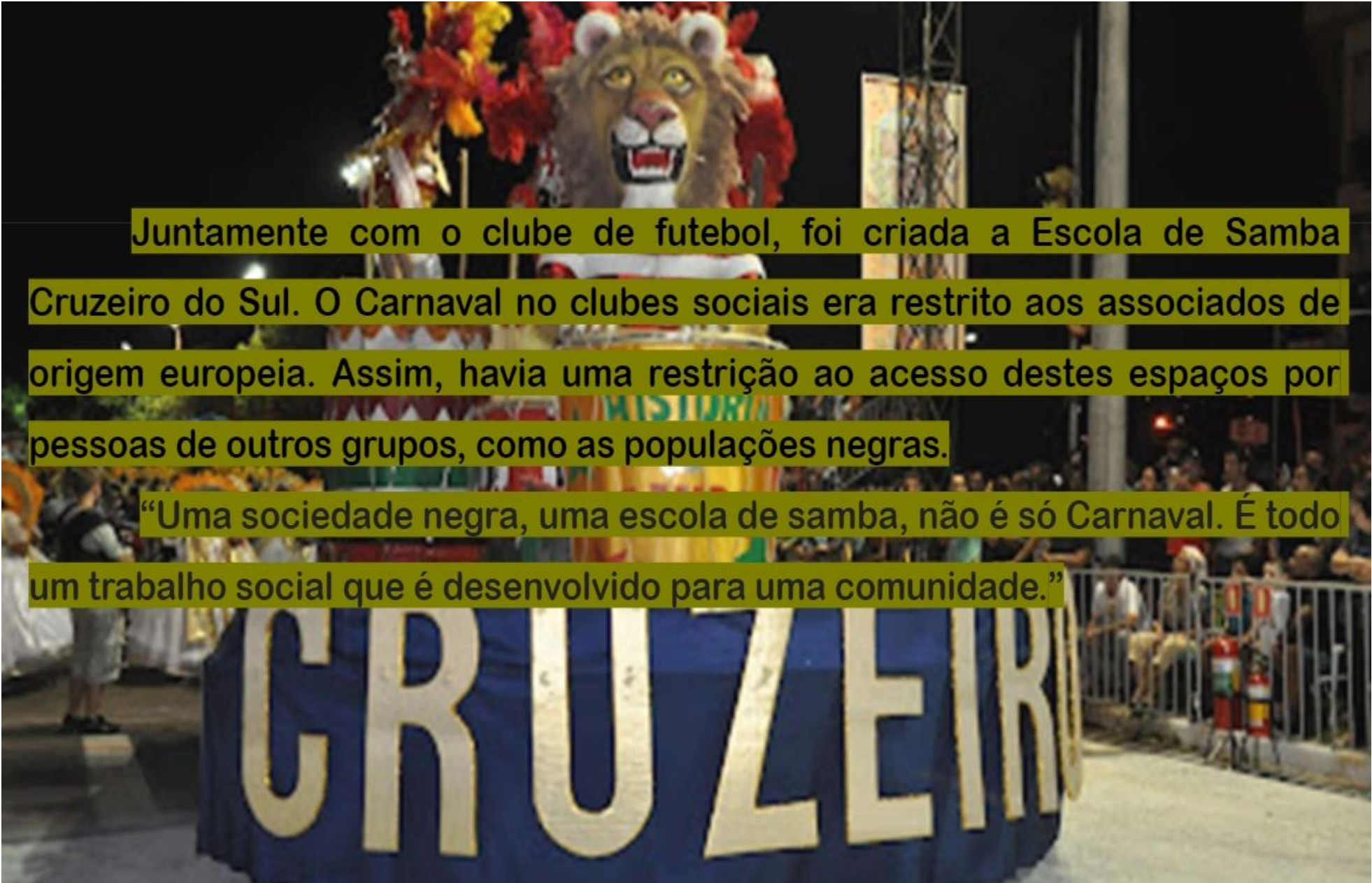


<https://timesdors.blogspot.com/2015/02/cruzeiro-do-sul-de-novo-hamburgors.html>

Com o nome de Cruzeiro e o novo uniforme com a camisa azul, escudo redondo com o fundo azul e a constelação do Cruzeiro do Sul ao centro.


<http://www.efdeportes.com/efd125/de-sport-club-novo-hamburgo-a-floriano-o-futebol-e-a-segunda-guerra-mundial.htm>





Juntamente com o clube de futebol, foi criada a Escola de Samba Cruzeiro do Sul. O Carnaval no clubes sociais era restrito aos associados de origem europeia. Assim, havia uma restrição ao acesso destes espaços por pessoas de outros grupos, como as populações negras.

“Uma sociedade negra, uma escola de samba, não é só Carnaval. É todo um trabalho social que é desenvolvido para uma comunidade.”



“Desde sempre os negros se associaram e criaram alternativas para se fortalecerem um com os outros. Este é o caso dos clubes sociais negros muito presentes na região.”

“Temos em Novo Hamburgo, a Sociedade Cruzeiro do Sul, quase centenária. É de extrema importância revelar esta história.” (Lucilene Athaide e Susi Mello. Movimentos Negros na atualidade: o carnaval e outras formas de afirmação. Jornal NH. 2017)

Folia no Carnaval da região

Foto: Alceu Feijó/GES.

https://jornalnh.com.br/_conteudo/2017/11/noticias/regiao/2202683-movimentos-negros-na-atualidade-o-carnaval-e-outras-formas-de-afirmacao.html

Portaria no.016/86, tombamento da Casa da Feitoria Velha.

javascript:popImage('./modGerArquivos/ModGerArquivosLoadImage.php?OID=68103&EXT=JPG&THUMB=0%27,%27imagem%27)



Fachada da Casa da Feitoria restaurada.

<http://www.ipatrimonio.org/sao-leopoldo-casa-da-feitoria-velha/>

PORTARIA Nº 016/86

O SUBSECRETÁRIO DE CULTURA, da Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, no uso de suas atribuições que lhe são conferidas pelo Boletim nº 95/86, publicado no Diário Oficial do Estado, de 07 de março de 1986,

- considerando os termos constantes na Portaria nº 01/82, editada pela Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Estado do Rio Grande do Sul,
- considerando que a referida Portaria determina a inscrição no Livro Tombo,
- considerando a necessidade de preservar este ato, para que produza seus efeitos legais,

R E S O L V E

Reconhecer como de interesse público, nos termos do artigo 1º da Lei Estadual nº 7231, de 18 de dezembro de 1978, combinado com o Decreto-Lei Federal nº 25, de 30 de novembro de 1937 e com o Parecer nº 751, de 10 de setembro de 1986, da Câmara do Patrimônio Histórico e Artístico do Conselho Estadual de Cultura, por seu valor histórico, a Casa da Feitoria Velha, sita na Estrada São Leopoldo - Lomba Grande, pertencente ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, na cidade de São Leopoldo.

Publique-se no Diário Oficial do Estado, ratifique-se no Livro Tombo da Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico desta Subsecretaria e promova-se a averbação no Registro de Imóveis a que tocar.

Porto Alegre, 26 de novembro de 1986.

LUIZ ANTÔNIO DE ASSIS BRASIL
SUBSECRETÁRIO DE CULTURA



A presença permanente de uma comunidade Kaingang urbana em São Leopoldo

A partir da Constituição Nacional de 1988 uma nova etapa iniciou-se para os povos indígenas. Sua cultura é reconhecida e protegida. Podemos citar o 5º artigo, inciso XV, que constitui como livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens.

Para as comunidades Kaingang possibilitou que viajassem das suas aldeias para as cidades na tentativa de comercializar o seu artesanato, aumentando o contato com o não indígena. Estes passam a ser identificados como índios urbanos. Os ambientes urbanos começam a se tornar espaços de reterritorialização Kaingang.

Placa identificando a Terra Indígena Kaingang.
Por Fi Ga Keme. História de Tovaca. Oikos: São
Leopoldo. 2014. p.19



GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
TERRA PROTEGIDA
ACESSO INTERDITADO A PESSOAS ESTRANHAS
ARTIGO Nº 19, § 4º, I, do ATO Nº 101 DO CODIGO DE REGULAMENTO INTERIO

Neste período, ocorre a constituição da comunidade de Terra Indígena Por Fi Ga, uma aldeia urbana no bairro Feitoria em São Leopoldo. As Terras Indígenas, como as aldeias, são espaços de preservação da cultura Kaingang, como também espaços de contato e convivência com comunidades e sujeitos não indígenas. Os mesmos elos comunitários que unem as aldeias são fortalecidos pelo estabelecimento das Terras Indígenas Kaingang em várias regiões do Rio Grande do Sul.

A conquista Kaingang da Terra Indígena urbana em São Leopoldo



Observe alguns relatos transcritos de pessoas Kaingang da comunidade Por Fi Ga Keme:

“Eu conheci São Leopoldo por volta de 1992, quando a gente vinha vender artesanato. A gente vinha direto e acampava na avenida Duque de Caxias. Dai começaram a vir mais pessoas pra cá; também vinham vender artesanato.” (Relato de Darci Rodrigues Fortes, Kaingang)

Comércio de artesanato com visitantes da comunidade local.

Por Fi Ga Keme. História de Tovaca. Oikos: São Leopoldo. 2014. p.60



“O espírito do índio chama. Aqui já tinha passagem de Coroado ou Taquara, que são todos Kaingang. Aí os espíritos vão dizendo como a gente deve ir se aproximando, vendendo artesanato. É o espírito do índio que puxa.” (Relato de Francisco Rokán dos Santos, Kaingang)

(Kassiane Schwingel, Maria Ione Pilger (orgs.). Por Fi Ga Keme. História de Tovaca. Oikos. São Leopoldo. 2014)

Apresentação de jovem kaingang.
Por Fi Ga Keme. História de Tovaca. Oikos: São Leopoldo. 2014. p.60

A visibilidade da cultura Kaingang na região da Feitoria

As famílias que habitam a Terra Indígena Por Fi Ga (território do pássaro que avisa os Kaingang das feras na mata) originalmente habitavam outras Terra Indígenas na região de Nonoai. Viajavam regularmente para a região metropolitana de Porto Alegre para o comércio de seu artesanato. Com o auxílio de órgãos governamentais e não-governamentais locais, em 2010 adquirem a terra indígena no bairro Seller Cohab na região da Feitoria em São Leopoldo.

Jovem kaingang aprendendo a fazer o artesanato kaingang e seus significados Por Fi Ga Keme. História de Tovaca. Oikos: São Leopoldo. 2014. p.60



A presença das comunidades negras de São Leopoldo na construção de políticas públicas de igualdade racial

Através da presença de representantes das comunidades negras em órgãos públicos como propositores e defensores de políticas públicas de igualdade racial, entre outras demandas, tornou possível o debate da diversidade cultural e histórica na região do Vale dos Sinos. Estes espaços públicos estão sendo ocupados a partir de um conjunto de demandas expostas, debatidas, e constituidoras de ações afirmativas desde a I Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial, de 21 de maio 2005. Nela aprovou-se as diretrizes para as políticas e ações de promoção da igualdade racial a serem implementadas no município.

(https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/download_anexo/PROMOCAO%20DA%20IGUALDADE%20RACIAL.pdf)



<https://leismunicipais.com.br/a/rs/s/sao-leopoldo/lei-ordinaria/2017/870/8693/lei-ordinaria-n-8693-2017-dispoe-sobre-a-criacao-do-conselho-municipal-de-povos-tradicionais-de-matriz-africana-de-sao-leopoldo-e-da-outras-providencias>



Posse do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial de São Leopoldo.
<https://www.camaraSaoLeopoldo.rs.gov.br/?sec=noticia&id=12331>



<https://www.oabrs.org.br/sao-leopoldo/noticias/oabsl-participa-v-conferencia-municipal-livre-igualdade-racial-sao-leopoldo/34571>

Estudantes desfilando na Semana da Consciência Negra em São Leopoldo.
<https://www.camaraSaoLeopoldo.rs.gov.br/?sec=noticia&id=12331>

Convite: Oficialização da posse do

CONSELHO MUNICIPAL DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL DE SÃO LEOPOLDO

Apresentações Culturais para toda comunidade!

14/FEV **19 HRS** SEDE LEÕES DA FEITORIA (R. Báltica, 110 - Feitoria Cohab)



3 A observância dos referenciais legais e suas diretrizes para o ensino e aprendizagem das diversidades étnico-raciais em São Leopoldo

Para esta iniciativa de pesquisa e proposição de uma metodologia de ensino de história na educação das relações étnico-raciais referencio-me num amplo conjunto de referenciais legais no âmbito federal, estadual e municipal, na constituição de uma concepção de (re)educação das relações étnico-raciais nos diferentes espaços de ensino. Esta base legal me direciona para uma bibliografia diversa no trato de conceitos utilizados na constituição desta proposta de ensino, como raça, racismo, discriminação e preconceito étnico-raciais, diversidade. Estas normativas educacionais são algumas das conquistas dos movimentos negro (GOMES, 2017) e indígena (BECKER, 1995; DAMASCENO, 2017), propositoras de debates nos meios acadêmicos a partir da análise de práticas pedagógicas desenvolvidas em diversos e diferentes espaços de ensino (GOMES e SILVA, 2011; SILVA, 2007). Conforme o parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Conselho Pleno (CP) n. 03 de 2004, a constituição destas diretrizes objetiva “assegurar o direito à igualdade de condições de vida e cidadania” as populações indígenas e africanas, orientando na direção de propostas e projetos “comprometidos com a educação de relações étnico-raciais positivas” nos espaços de ensino (BRASIL, 2005).

Este estudo referencia-se legalmente num conjunto de políticas públicas - leis, pareceres e diretrizes - de âmbito federal, estadual e municipal para a implementação e promoção da Educação das Relações Étnicas-Raciais e do Ensino da História e da Cultura Africana e Indígena. Conecta-se a este conjunto o Plano Político Pedagógico Escolar da Escola Municipal de Ensino Fundamental Olímpio Vianna Albrecht 2019, 2020 e 2021, através da sua proposta educacional na educação étnico-racial. A apresentação destas políticas públicas se dá de forma cronológica, conectando-as durante o processo de implementação e desenvolvimento de uma educação que promova a cidadania de seus educadores e educandos.

Este conjunto é imprescindível para o desenvolvimento da proposta de ensino de história neste estudo. É também fonte de consulta para a elaboração da E.R.E.R. no Zine como um dos principais resultados da proposta metodológica de ensino de história. A inobservância dos referenciais legais pode ser compreendida como uma forma de omissão em relação a história de luta dos movimentos sociais pelo reconhecimento da História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena no nosso país (SILVA, 2018, p.137-138). O Movimento Negro Brasileiro foi um dos principais protagonistas no século XX e XXI como organização social fomentadora de políticas públicas para a inclusão da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos de educação no nosso país (BRASIL, 2004; 2006; GOMES, 2017).

No âmbito federal, de forma cronológica, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. A Lei nº 10.639/03, de 09 de janeiro de 2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. O Parecer do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno 03/2004 (CNE/CP 3/2004), de 10 de março de 2004, que aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais. Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno 01/2004 (CNE/CP1/2004), de 17 de junho de 2004, que Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. O Parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, CNE/CEB 14/2015, de 11 de novembro de 2015, sobre Diretrizes Operacionais para a implementação da história e das culturas dos povos indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei nº 11.645/2008. A Base Nacional Comum Curricular, de 11 de maio de 2018.

No âmbito estadual, a Resolução Estadual do Conselho de Educação/CEED/RS nº 297, de 07 de janeiro de 2009, instituiu normas complementares às

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e trata da obrigatoriedade da inclusão do estudo da história e cultura indígena nos currículos escolares das instituições de ensino integrantes do Sistema Estadual de Ensino. O Plano Estadual de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e dos Povos Indígenas, publicado em 2017 pela Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul.

No âmbito municipal de São Leopoldo, a Lei nº 6116, de 18 de dezembro de 2006, que torna obrigatório a inserção das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira no sistema de ensino no âmbito do município de São Leopoldo, conforme estabelece a lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, modificada pela lei 10.639/2003, que torna obrigatória o ensino de História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas no currículo oficial da educação básica e inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra", regulamentado pelo parecer do conselho nacional educação, CNE/CP 3/2004. O Referencial Curricular de São Leopoldo, através do Documento Orientador de Território de São Leopoldo: Princípios e concepções. 2018, 2019. O Projeto Político e Pedagógico da EMEF Olímpio Vianna Albrecht. 2019, 2020 e 2021. São Leopoldo/RS, 2019.

Tendo apresentado o conjunto de políticas públicas e sua legitimidade no campo acadêmico, referencio-me inicialmente no Parecer CNE/CP nº 03/2004⁹ e na Resolução CNE/CP nº 01/2004 para a elaboração de uma concepção de educação das relações étnico-raciais como uma base teórica e metodológica para o desenvolvimento deste estudo. Para isto, apresento uma breve análise sobre os principais objetivos destes documentos. Neles constam os referenciais

⁹ BRASIL. CNE/CP Resolução 1/2004. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11, institui as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf#:~:text=Art.%20%C2%B0%20As%20Diretrizes%20Curriculares%20Nacionais%20para%20a,%C3%A9tnico-sociais%20positivas%2C%20rumo%20%C3%A0%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20na%C3%A7%C3%A3o%20democr%C3%A1tica>. Acessado em 22 de fevereiro de 2021.

legais¹⁰ que os constituíram como políticas públicas de reconhecimento da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira na formação da História e da Cultura Brasileira.

O documento CNE/CP nº 03/2004, a partir de um conjunto de dispositivos legais e das reivindicações e propostas desenvolvidas pelo Movimento Negro ao longo do século XX na área da educação, expressa a “necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a educação das relações étnico-raciais positivas, a quais tais conteúdos devem conduzir.” O documento CNE/CP nº 01/2004 institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Estas diretrizes devem ser analisadas e aplicadas nos currículos e práticas de ensino nas redes e modalidades de ensino no nosso país. No seu artigo 2º, estabelece que estas diretrizes devem ser compreendidas como “orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.”

Podemos conceber a educação das relações étnico-raciais a partir dos seus objetivos expressos na Resolução CNE/CP nº 01/2004, ou seja, “a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.” No Parecer CNE/CP nº 03/2004, no seu subtítulo Educação das relações étnico-raciais (p.5-8), os processos de educação, ensino e aprendizagem deverão ser teorizados na elaboração de uma proposta pedagógica contendo suas metodologias de ensino, objetivando uma “reeducação das relações entre (sujeitos) negros e brancos” (p. 5). Para isto se

¹⁰ BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece **as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm Acesso em 2019.

faz necessário de todos os sujeitos e de todas as instituições educacionais o reconhecimento e a valorização das Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras na formação da História e da Cultura do nosso país. Em concordância com estes referenciais, reforço a necessidade de desenvolver neste estudo a teorização e a elaboração de uma metodologia de ensino de história na perspectiva de uma educação e ensino inclusiva das ações e contribuições da História e da Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena na História e na Cultura brasileira, com o trato das diferenças expressas numa diversidade étnico-cultural.

Neste intuito, situo a concepção da E.R.E.R. no Zine com a proposta educacional da escola na sua observância das diretrizes e leis de inclusão do ensino das diversidades nos diferentes espaços de ensino, sendo a escola o espaço seu primordial. Como filosofia de trabalho, a escola é descrita como um espaço privilegiado de construção, reinvenção e socialização do conhecimento através do desenvolvendo de habilidades e de competências num processo democrático de participação e responsabilidade de todos os envolvidos no ensino. A concepção de educação e ensino da escola é descrita como voltada para a transformação social, democrática, de função pedagógica, cultural e política, com tendência progressista, de análise crítica, professor mediador, aluno transformador e conteúdo vivo. Como concepção de conhecimento, a escola entende que o conhecimento ocorre a partir das experiências individuais, mas também através das interações sociais, resultando nas diversas formas de pensar dos estudantes. Para a escola, quando se fala da diferença, da alteridade, da identidade, do poder, do saber, da cultura, de gênero, de etnia, de sexualidade, de raça, de multiculturalismo está se trabalhando com o sentido de o porquê ensinar plural.

A escola possui uma concepção de metodologia de trabalho pedagógico no ensino fundamental anos finais (6os, 7os, 8os e 9os anos) pautada numa prática pedagógica em que os alunos sejam pesquisadores e autônomos do próprio conhecimento. Quanto às finalidades e objetivos de cada componente curricular dos anos finais do ensino fundamental, a escola segue as Orientações Curriculares para a Educação Básica da Rede Municipal de Educação de São Leopoldo de 2012, e a Base Nacional Curricular Comum do território de São Leopoldo de 2019. Dentre as determinações e atividades escolares, as aulas

deverão ser planejadas através de debates, pesquisas, saídas de campo, entre outras atividades que possibilitem a construção, registro e comunicação dos conhecimentos adquiridos. Esta comunicação se dá através do desenvolvimento de relatórios e comunicação verbal.

Destaco para este estudo o tópico 7.9. do Plano Político Pedagógico, denominado Metodologia da Cultura Étnico Racial. Foi constituída no respeito à diversidade cultural, étnica, religiosa, política, sexual, de gênero e geracional, em conformidade com a Resolução CME/CEINC nº009, de 29/09/2010, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais relativas à Educação das Relações Étnico-Raciais e ao Ensino da História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena (artigos 3º ao 9º). Estas determinações legais propõem a formação dos estudantes na educação básica de forma interdisciplinar em todos os componentes curriculares. Consta no documento que a cultura étnico-racial poderá ser abordada através de palestras, pesquisas, apresentações, debates, análises de reportagens, de vídeos, da arte, da música. Desejo incluir a produção de zines como uma forma de reconhecimento e conhecimento das diversidades dentro e fora do espaço escolar. Para isto vincula-se o zine, e suas características comunicativas, com a concepção de produção e circulação conhecimentos constituídos no espaço escolar para além dele. O estudo e a observância destes referenciais me possibilitou aprender a desenvolver uma percepção sobre o que eu entenderia sobre a construção de propostas de estudo e ensino das histórias e das culturas indígenas, africanas e afrodescendentes no Brasil.

3.1 Os conceitos de raça, racismo, preconceito e discriminação na análise de seus desdobramentos na formação da sociedade brasileira

A partir destes referenciais, disserto sobre os conceitos de raça, racismo, discriminação e preconceito. Percebe-se um processo de ressignificação destes termos numa história de lutas e conquistas dos movimentos sociais organizados, em destaque o Movimento Negro Brasileiro, de valorização e afirmação positiva do conceito de raça, principalmente. Através dos componentes de identificação étnico-racial presentes nestes conceitos, foram constituídas ações afirmativas de reconhecimento e valorização das diversidades existentes na nossa realidade.

Referencio-me em documentos legais acima citados, e nas análises de Amílcar Araujo Pereira (2014), Marcus Vinicius de Freitas Rosa (2019), Nilma Lino Gomes (2005, 2012), e José Luis Petruccelli (2013) no trato desses conceitos. Retornando na leitura do parecer CNE/CP nº 03/2004, os termos étnico e raça são significados e ressignificados na proposta reeducação das relações étnico-raciais. O termo “étnico” é utilizado para destacar as relações de tensão marcadas pelos aspectos culturais entre as diferentes populações que formam a nossa sociedade e suas diferentes origens – africana, indígena, europeia. O termo “raça” passa por uma ressignificação, utilizado como um conceito de análise para descrever as tensões existentes entre brancos e não-brancos (africanos, indígenas, principalmente) na formação da história e da cultura brasileira. Estas tensões são expressas nas práticas racistas e discriminatórias na nossa sociedade contemporânea, oriundas do nosso passado colonial e escravocrata: “Ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes europeias da sua da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras culturas. (p.5)” Para que haja uma mudança, é necessário a construção de uma “pedagogia de combate ao racismo e a discriminação” com o objetivo da educação das relações étnico-raciais entre sujeitos negros e brancos. Para isto

se faz necessário possibilitar aos sujeitos negros o conhecimento e o orgulho das suas heranças africanas e afro-brasileiras. Também é necessário despertar entre os brancos uma consciência negra, possibilitado que “identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras” (p. 6).

O conceito de raça é interpretado em referenciais legais na educação das relações étnico-raciais como uma construção social e histórica elaborada por sujeitos sociais e históricos, em condições de conflitos e de desigualdades. Essas desigualdades são impostas por uma dessas partes, os sujeitos brancos de origem europeia colonizadora, que se colocam em posição de superioridade nas suas representatividades e representações em diferentes espaços sociais, políticos, econômicos, culturais, estéticos. Nas Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, através de seu Glossário de Termos e Expressões Antirracistas, destaca a reconfiguração política e social de raça a partir da sua positivação como elemento de luta política dos movimentos sociais negros brasileiros e internacionais (MEC, 2006, p. 222).

Amílcar Araújo Pereira referencia-se em Stuart Hall ao conceber o conceito de raça como uma construção política e social na análise dos seus efeitos/impactos através da prática do racismo na formação histórica e social do Brasil contemporâneo. A partir da análise de dados censitários sobre desigualdade social e desigualdade racial, observa que um destes efeitos é a desigualdade social de oportunidades de inserção de um sujeito não-branco na sociedade brasileira em decorrência do seu pertencimento étnico-racial. No caso deste estudo, o autor destaca que esta forma de discriminação étnico-racial transparece na constituição dos conteúdos curriculares eurocentrados ensinados nas escolas, o que “dificulta em muito a construção de uma educação realmente democrática para todos os brasileiros” (2014, p. 61). Nilma Lino Gomes analisa o conceito nos seus aspectos e utilizações, histórica e sociais, racistas e discriminatórias. “Na realidade, é porque raça ainda é o termo que consegue dar a dimensão mais próxima da verdadeira discriminação contra os negros, ou melhor, do que é o racismo que afeta as pessoas negras da nossa sociedade” (2005, p. 45). A concepção de raça de ambos os autores nos possibilita uma compreensão ampla sobre o conceito e sobre as possibilidades

de uso. Sendo assim, a concepção utilizada pela professora Nilma, tramando-o com os conceitos de racismo, preconceito e discriminação torna-se mais propícia para este estudo. Apresentarei mais informações no 4º momento desta dissertação.

Sobre o conceito de racismo, retorno ao Glossário de Termos e Expressões Antirracistas, ao defini-lo como uma “doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada pura ou superior) de dominar outras; preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente, geralmente considerada inferior; atitude de hostilidade em relação à determinada categoria de pessoas” (MEC, 2006, p. 222). Gomes descreve o caráter ambíguo e contraditório do conceito contextualizando-o no Brasil. “A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial, mas, no entanto, as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país” (2005, p. 46). Pereira analisa esta negação da existência do racismo por parte da população brasileira nas obras de Florestan Fernandes (2007) e de Lília Moritz Schwarcz (2001) (2014, p. 61-62). Em Fernandes é identificado, a partir de pesquisas desenvolvidas em 1988 e 1995, que o brasileiro “tem preconceito de ter preconceito”. Ambas as pesquisas são analisadas por Schwarcz e alguns de seus resultados são destacados por Pereira: Em 1988, “97% dos entrevistados responderam que não eram racistas; entretanto, 98% dos mesmos entrevistados também responderam que conheciam pessoas racistas.” Em 1995, “10% dos entrevistados afirmaram que eram racistas, enquanto 89% deles afirmaram a existência de racismo no Brasil.” Pereira chega à constatação que “quase todos os entrevistados conheciam pessoas racistas, mas praticamente nenhum deles eram racistas.” Destaco estas questões pois ao elaborar a primeira versão da minha proposta de ensino de história, faço um levantamento de conhecimentos prévios sobre identificação racial com alguns alunos das turmas dos 8os anos da escola Olímpio. Pergunto aos alunos como eles se identificam racial, como também os seus familiares. Uma breve análise das repostas aos questionários será apresentada no 4º momento desta dissertação.

Podemos conceber a utilização do conceito racismo como um conjunto de práticas cotidianas visíveis ou não visível em nossa sociedade durante a nossa história. Essas práticas teriam sua origem em um conjunto de ideias e representações sociais e históricas por grupos sociais que acreditavam e acreditam ainda em uma superioridade entre raças superiores e inferiores biologicamente, culturalmente, historicamente. Essa dita superioridade racial é interpretada pelos sujeitos que se reconhecem como fazendo parte dela como sendo uma verdade incontestável. (GOMES, 2012, p. 52)

Novamente no glossário, o(s) preconceito(s) é(são) definido(s), utilizando-se de uma citação do Instituto Interamericano de Direitos Humanos (1995, p. 17), como sendo “opiniões levianas e arbitrárias, mas que não surgem do nada. Nem, ao contrário do que se possa pensar, são opiniões individuais. Em geral, nascem da repetição irrefletida de prejulgamentos que já ouvimos antes mais de uma vez. Finalmente, à força de tanta repetição, terminamos por aceitá-lo como verdadeiro. E os repetimos sem sequer nos preocuparmos em verificar quão certo são” (MEC, 2006, p. 221).

O termo preconceito está para Gomes intrinsecamente relacionado aos conceitos de racismo e discriminação. Ambos são ações de negatização de sujeitos identificados fisicamente e culturalmente como de raças inferiores em relação ao agente preconceituoso que se identificam como sendo de raças superiores. São opinativos e não científicos, não se baseiam em análises críticas sobre a sociedade onde são aplicados. “A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam” (GOMES, 2012, p. 55). Ao tramar estes conceitos derivados do conceito de raça, cria-se uma rede de ações de identificação étnico-racial pautada em aspectos físicos, históricos e culturais de autorreconhecimento dos sujeitos, como também de identificação e classificação por terceiros. Esta foi um dos questionamentos apresentados na análise da sondagem de autoidentificação e identificação étnico-racial já citada neste texto.

3.2 O trato com a diversidade: Constituição e reconfigurações de pedagogias voltadas a educação das diversidades no ensino de história

“Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminatória secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais, desalienando processos pedagógicos.” (CNE/CP nº 03/2004) Na apresentação do parecer CNE/CP 3/2004 pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) a Educação é concebida como “um dos princípios ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo.” (MEC, 2005, p. 7). A diversidade expressa nas diferenças é uma ideia presente nas propostas educacionais que desejem contribuir para a constituição de uma pedagogia de combate ao racismo e a discriminação, e deve ser desenvolvida nos diferentes espaços de ensino e educação.

A complexidade e riqueza de informações utilizadas na elaboração deste documento demonstra a necessidade de um estudo mais detalhado sobre os processos de constituição de metodologias de ensino que objetivem a formação cidadã dos estudantes. Para tanto, com este objetivo consulto a publicação Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais¹¹. Na apresentação do documento é salientado que “todo o material aqui apresentado buscará cumprir o detalhamento de uma política educacional que reconhece a diversidade étnico-racial, em correlação com faixa etária e com situações

¹¹ BRASIL. Orientações e Ações para a educação das Relações Étnico-Raciais. Ministério da Educação (MEC). Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Brasília: 2006.

específicas de cada nível de ensino. Esperamos que a publicação seja recebida pelas escolas, por gestores/as e educadores/as, como um subsídio para o tratamento da diversidade na educação” (MEC, 2006, p. 9). A educação das relações étnico-raciais é compreendida como uma metodologia valorativa e positivadora da diversidade étnica-cultural do nosso país nos espaços de ensino na luta pela valorização das diferenças e da diversidade para a construção de uma sociedade antirracista democrática (MEC, 2006, p. 10). A diversidade é desencadeada como componente educacional e socializante através das ações dos sujeitos sociais e históricos organizados, principalmente em movimentos sociais nas suas demandas em superar ações e mentalidades discriminatória, racistas e preconceituosas.

Nilma Lino Gomes aponta nos seus estudos que o campo da educação e da pesquisa científica são espaços constituintes de conhecimentos valorativos dessa diversidade, pois “são os profissionais da educação, os centros de formação, as propostas político-pedagógicas sensíveis a essa dinâmica social e cultural que desenvolvem, participam, refletem e recolhem essas experiências e, a partir de uma análise político-pedagógica, as insere na prática educativa escolar” (GOMES, 2011, p. 21). A autora referencia-se, principalmente, na Lei no. 10.639/033 como principal instrumento legal da ação de descolonização dos currículos e das formas de ensino no Brasil (GOMES, 2012; 2019). Ao problematizar os processos de descolonização dos currículos de ensino nas escolas de ensino básico e superior, identifica um debate vindouro e atual sobre uma “diversidade epistemológica” nos campos da teoria educacional e do campo do currículo. Por serem campos de questionamento e produção de conhecimento crítico, a autora destaca a influências que os sujeitos sociais organizados em suas demandas através de movimentos sociais exercem sobre si, destacando a constituição, desenvolvimento e ações do Movimento Negro Brasileiro como protagonistas no fomento e militância social, política, cultural e educacional para o estudo, elaboração e implementação de políticas afirmativas para as populações negras brasileiras. Na leitura da autora há a necessidade imprescindível da “introdução obrigatória do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas da educação básica. Ela (a lei) exige mudanças de práticas e descolonização dos currículos da educação básica e superior em relação à África e aos afro-brasileiros” (GOMES, 2012, p. 99-100).

O tratamento da diversidade “deve ser uma competência político-pedagógica a ser adquirida pelos profissionais da educação nos seus processos formadores, influenciado de maneira positiva a relação desses sujeitos com os outros, tanto na escola quanto na vida cotidiana” (GOMES & SILVA, 2002, p. 29-30). O conceito de diversidade étnico-racial e cultural é tratado por Gomes como uma característica marcante na sociedade brasileira e um desafio aos educadores e educadoras ao desenvolver metodologias de ensino que a contemplem. Ao entender a sociedade brasileira como “pluriétnica e pluricultural” na sua base formativa, ela identifica a diferença como um componente importantíssimo no nosso processo de humanização, na nossa formação contínua como sujeitos sociais, históricos e cidadãos. Utiliza-se do universo escolar para identificar e conceituar a diversidade étnica-cultural presente no dia a dia de todos nós como algo positizador e necessário na nossa formação cidadã e humana. “Alunos, professores e funcionários de estabelecimentos de ensino são, inicialmente, sujeitos sociais – homens e mulheres, crianças, adolescentes, jovens e adultos, pertencentes a diferentes grupos étnico-raciais, integrantes de distintos grupos sociais. São sujeitos com histórias de vida, representações, experiências, identidades, crenças, valores e costumes próprios que impregnam os ambientes educacionais por onde transitam com suas particularidades e semelhanças, compondo o contexto da diversidade” (GOMES, 2011. p. 18).

Pautado nestas concepções e posicionamentos, as propostas deste estudo sobre o ensino das diversidades no ensino de história passaram por adaptações. Em decorrência da pandemia e da implementação de um conjunto de restrições de convívio social, sendo uma delas a quarentena através do isolamento social e o fechamento temporário das redes públicas e privadas de ensino, optou-se numa primeira proposta de ensino de história pela utilização de atividades que poderiam ser desenvolvidas na modalidade de ensino remoto.

Até a concepção e construção do zine, outros materiais e planejamentos foram elaborados. O primeiro destes materiais foi o quadro sintético das temporalidades da história da Casa do Imigrante. As temporalidades foram constituídas a partir de um material referencial, o Informativo do Programa Bicentenário da Imigração alemã, publicado em 25 de março de 2019 pelo

Museu Histórico Visconde de São Leopoldo¹². Nele consta um conjunto de informações sobre a Casa da Feitoria Velha/Museu do Imigrante: Um histórico da casa; as intervenções arquitetônicas na casa a partir de 1941; a apresentação dos fatores estruturais que antecederam ao seu desabamento, e de ações de recuperação propostas pelos representantes do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. No histórico da casa está incluso a constituição, reconstituição, utilizações da Casa da Feitoria Velha, como um dos principais marcos materiais e memorialísticos da imigração alemão para a região do Vale dos Sinos. Numa primeira proposta de ensino. os conteúdos sobre a história e a cultura das populações indígenas e africanas em São Leopoldo seriam analisados através de um olhar questionador sobre os processos de visibilidade e invisibilidade destas na constituição cultural e histórica de São Leopoldo a partir de cinco momentos da História da Casa da Feitoria Velha.

Esta periodização da casa foi produzida, nos termos definidos em Pagés, como um saber histórico construído no processo de concepção de uma didática de ensino de história (PAGÈS, 2015, p. 304). Estas temporalidades foram concebidas como um material didático de ensino de História, objetivando identificar e caracterizar os diferentes tempos históricos da Casa da Feitoria Velha/Museu do Imigrante/Casa do Imigrante. O quadro sintético foi elaborado como um material que seria utilizado na aplicação da proposta de ensino de História sobre as outras histórias da Casa da Feitoria Velha. Na reconfiguração deste estudo, este material foi utilizado na confecção da E.R.E.R. no Zine sobre as outras histórias da Casa. Para tanto, o termo temporalidade foi substituído por momentos, adaptando a escrita para a leitura dos alunos. Na perspectiva da educação das relações étnico-raciais, evidencia-se e destaca-se no quadro a história e a cultura das populações indígenas e africanas na história de São Leopoldo e do Vale dos Sinos.

Na primeira temporalidade, coloco em destaque as populações indígenas Guaianás e Coroados. Estes imigraram para o sul no século 18, tornando-se antepassados dos povos Kaingang na região sul do Brasil. Ao fazerem isto, tiveram contato com as políticas de aldeamento e catequização jesuítica na

¹² INFORMATIVO do PROGRAMA BICENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ: Educação em Primeiro Lugar. n.1, Grupo Sinos de Comunicação. Disponível em: www.educacaoemprimeirolugar.com.br, acesso em 30 de março de 2019; Acesso através do site www.isl2024.org.br, acesso em 30 de março de 2019.

região norte do Rio Grande do Sul. Evidencio a presenças das populações africanas no século 18, enviadas como mão de obra escravizada para a produção agrícola no estabelecimento da Real Sede da Feitoria do Linho Cãnhamo.

A segunda temporalidade é ambientada entre o final do século 18 e a primeira metade do século 19: A fundação da Real Feitoria até o seu encerramento, destacando a constituição de uma comunidade africana escravizada através das suas famílias e seus descendentes. A presença de sujeitos desta comunidade dentro e fora do espaço da real feitoria. Utilizando-me de relatos e narrativas sobre pessoas africanas e de seus descendentes no período de colonização alemã europeia na região do Faixinal da Courita (São Leopoldo). Almeja-se analisar a presença visibilizada e invisibilizada desta população africana no interior de uma diversidade étnico-racial encontrada pelo imigrante alemão ao chegar e instalar-se na região. (OLIVEIRA, 2006; ROSA, 2019).

A terceira temporalidade, entre 1824 e 1924, abrange o fechamento da feitoria e sua readaptação como local de chegada dos primeiros imigrantes alemães a partir de 1824. Mesmo com o envio da comunidade africana da feitoria para o Rio de Janeiro, a presença africana permanece nos espaços públicos e particulares da Vila de São Leopoldo. As populações Kaingang sofrem os processos de aldeamento e catequização. Mas, também lutam pela sua terra e sua identidade indígena. O período de 1924 é marcado pelas preparações para as comemorações do centenário da imigração alemã para São Leopoldo. Houve a reconfiguração de diferentes espaços físicos, constituindo marcos e espaços identitários da presença alemã em São Leopoldo e no Vale dos Sinos. A revitalização da Casa da Feitoria Velha (pensada inicialmente como o futuro museu do imigrante) foi uma das ações de preparação da cidade para os festejos comemorativos atestando o progresso econômico e social realizado nos primeiros cem anos de imigração e colonização alemã (WEBER, 2004, p. 34). A casa tornou-se uma escola de ensino fundamental a partir da década de 1940, após a sua reforma estrutural e arquitetônica, até o final da década de 1970, quando a proposta de instituição do museu volta à pauta no sesquicentenário da imigração alemã.

Na quarta temporalidade, na década de 1980, desenvolveu-se o processo de tombamento e patrimonialização da Casa da Feitoria Velha, reconfigurada como o Museu do Imigrante, anexo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Neste processo a casa destacará a presença alemã nos seus aspectos arquitetônicos (enxaimel), exposições e acervos, como herança aos seus descendentes e visitantes do museu. Nisto, silencia e provoca um esquecimento de outras história vinculadas ao mesmo bem. Desconsidera e silencia a comunidade africana escravizada que lá residiu, trabalhou, e relacionou-se com sujeitos livres e escravizados dentro e fora da feitoria. Alimentou a minha vontade de pesquisar sobre estes sujeitos ao consultar publicações que descrevem e caracterizam os africanos escravizados com pessoas sem capacidade de aprender, não cumpridores de suas atribuições, sendo o trabalho escravo o mal que levou a ruína da real feitoria do linho cânhamo (MOARES, 1994, p. 68-69). No quinto momento, houve novas reconfigurações da Casa da Feitoria Velha nos anos 1980 a 2019 - O tombamento e patrimonialização da Casa da Feitoria Velha como bem cultural relacionado à imigração e colonização alemã. A constituição e desenvolvimento da comunidade Kaingang Por Fi Gã na região da Feitoria. A representatividade da comunidade afrodescendente em espaços públicos na deliberação e aplicação de políticas públicas afirmativas.

Título: QUADRO SINTÉTICO DAS TEMPORALIDADES DA HISTÓRIA DA CASA DA FEITORIA VELHA

1ª Temporalidade: Antes da Casa da Real Feitoria – Séculos 16, 17, 18

A presença de populações indígenas e africanas no Rio Grande do Sul antes da fundação da Real Feitoria do Linho Cânhamo. Um período de aproximação de comunidades indígenas; e a chegada de populações africanas na Faixinal da Courita para compor a mão de obra da Relá Feitoria.

Século XVI, XVII, XVII - Um período mais antigo marcado pelo isolamento dos povos indígenas em relação aos europeus, onde os contatos foram esporádicos entre ambos. Neste período ocorreram as migrações dos Guaianá

para o sul. No século XVII ocorrem contatos de missionários jesuítas com os Gualacho ao norte da província do Rio Grande do Sul. No século XVIII são descritos o estabelecimento de populações destes grupos no Rio Grande do Sul.

Neste período, a presença das populações africanas crescia em todo o território do Brasil. No Rio Grande do Sul “os africanos e seus descendentes trabalhavam em todas as funções possíveis, desde os primeiros tempos da presença lusitana(portuguesa) no Rio Grande de São Pedro. Eles foram verdadeiros colonos na região, pois seu trabalho garantiu a ocupação portuguesa do território”.

2ª Temporalidade: A Constituição do espaço da Real Feitoria – 1788 a 1824

A fundação da Real Feitoria até o seu encerramento.

A Real Feitoria do Linho Cânhamo foi um modelo de plantation escravocrata (plantação de produtos tropicais para a exportação que utiliza mão de obra escravizada). Ela possuiu administradores e feitores responsáveis por uma população africana escravizada de propriedade do governo português.

Os africanos que lá viviam comercializavam produtos das suas hortas aos domingos, estabelecendo contatos com pessoas da região. Esta autonomia era negociada com seus feitores e administradores da feitoria. Quando estas negociações não ocorriam, movimentos de resistência dos africanos escravizados eclodiam na feitoria: fugas e roubos de animais, música e dança nas senzalas, como formas de rebelião contra à opressão de seus administradores. Em 1824, a plantation é extinta, seus escravos são levados para o Rio de Janeiro e suas terras são destinadas para a criação da Colônia alemã de São Leopoldo.

Para as populações kaingang, foi um período intermediário e de transformação que gerou muitos dados sobre os kaingang no sul do país. Um contato permanente entre catequizadores e indígenas. A constituição de aldeamentos concomitante à uma política governamental imigratória e

colonizadora europeia para o país. O aldeamento ocorreu entre pressões dos poderes governamentais na ocupação europeia dos antigos territórios Guaianá-Kaingang, e a mediação dos agentes catequizadores entre estes poderes e as aldeias Kaingang e seus cacicados. Estes dois fatores, catequese e colonização, foram transformadores nas práticas sociais e culturais dos Kaingang no sul. Identificados como Bugres, Coroados, os Kaingang protestaram e entraram em conflito com estes agentes transformadores no seu dia a dia.

25 de julho de 1824 - A fazenda tornou-se local de chegada e acolhimento das primeiras levas imigratórias alemãs para a colonização de lotes de terras na região da Feitoria Velha.

Primeira metade do século XIX - Período de ocupação dos lotes de terra pelos imigrantes europeus alemães e a aquisição e utilização de mão de obra escravizada negra por parte desses imigrantes.

Segunda metade do século XIX para a década de 1920 - Período de esquecimento e não-utilização do local pela comunidade local.

3ª Temporalidade: A Desconstituição do espaço da Real Feitoria do Linho Cânamo, entre 1824 e 1924, através da revitalização do terreno e da Casa da Feitoria Velha e sua projeção como um museu municipal da imigração alemã.

O fechamento da feitoria e sua readaptação como local de chegada dos primeiros imigrantes alemães a partir de 1824. A presença africana está nos espaços públicos e particulares da Vila de São Leopoldo. Os processos de aldeamento e catequização de populações indígenas.

Nesta temporalidade ocorreu a ocupação dos lotes de terra, antes destinados à Feitoria, pelos imigrantes europeus alemães. Houve na época a aquisição e utilização de mão de obra escravizada africana por parte de alguns destes imigrantes. Constitui-se na região um espaço social marcado por uma diversidade de sujeitos de origem europeia e africana.

Foi um período de constituição do kaingang contemporâneo, “grandemente aculturado, mas não assimilado.”

A penetração colonizadora nos territórios indígenas continua neste período através de ações governamentais e particulares de ocupação de territórios indígenas. Nestes territórios estão os meios necessários para a manutenção de seu modo de viver indígena kaingang. Surgem ações governamentais de assistência e preservação das populações indígenas no território nacional. O Serviço de Proteção aos Índios em 1910, e a Fundação Nacional do Índio em 1967, que fundiu o Serviço de Proteção aos Índios, o Conselho Nacional de Pesquisa indígena, e o Parque do Xingu.

Neste período as aldeias Kaingang estão organizadas em Toldos ou Postos numa área territorial reservada na margem esquerda do rio Uruguai com a assistência das comissões de terras do Estado. O cacicado permanece como o principal poder em cada aldeia. Nas aldeias os costumes indígenas são preservados e adaptados conforme as necessidades dos indígenas.

Um dado interessante: Nas décadas de 1930 e 1940 houve a revitalização e reconfiguração estética da casa nos seus aspectos atuais (arquitetura enxaimel alemã) e sua utilização, a partir de 1942, como escola municipal de ensino fundamental João Daniel Hillebrand, até a sua transferência para outro prédio em outro bairro próximo à casa em 1976.

4ª Temporalidade: A Recuperação e Reconstituição de um outro espaço e uma outra casa - 1924 a 1980 - Ocorreu a revitalização do terreno e da Casa da Feitoria Velha como parte do processo de comemoração do centenário da imigração alemã em 1924. O aldeamento e adaptação das populações indígenas no sul do Brasil, e a organização de associações e agremiações negras no Vale dos Sinos.

Neste período as aldeias kaingang estão organizadas em Toldos ou Postos numa área territorial reservada na margem esquerda do rio Uruguai com a assistência das comissões de terras do Estado. O cacicado permanece como o principal poder em cada aldeia. Nas aldeias os costumes indígenas são preservados e adaptados conforme as necessidades dos indígenas.

A presença africana no Vale dos Sinos pode ser expressa através do Sport Club Cruzeiro do Sul, um espaço historicamente constituído pela comunidade negra do Vale dos Sinos. Criada em 1922 no 2º distrito de São Leopoldo, atualmente Novo Hamburgo. É a primeira associação esportiva negra do Vale dos Sino que ainda permanece em funcionamento, através do futebol e da sua escola de samba Cruzeiro do Sul.

5ª Temporalidade: As novas reconfigurações da Casa da Feitoria Velha nos anos 1980 a 2019 - O tombamento e patrimonialização da Casa da Feitoria Velha como bem cultural relacionado à imigração e colonização alemã. A constituição e desenvolvimento da comunidade kaingang Por Fi Gã Keme na região da Feitoria. A representatividade da comunidade negra em espaços públicos na deliberação e aplicação de políticas públicas afirmativas.

Década de 1980 – Tombamento e patrimonialização da casa: A partir do processo de tombamento e patrimonialização a casa tornou-se oficialmente a Casa da Feitoria Velha/Museu do Imigrante. Seu papel como bem patrimonializado e espaço museológico repercute um processo em desenvolvimento desde a década de 1920 de constituição e manutenção da identidade alemã na localidade de São Leopoldo; identidade reativada no ano de 1984 com o tombamento e as comemorações dos 160 anos da imigração alemã.

A partir da Constituição Nacional de 1988 uma nova etapa iniciou-se para os povos indígenas. Sua cultura é reconhecida e protegida. Podemos citar o 5º artigo, inciso XV, que constitui como livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens.

Para as comunidades Kaingang possibilitou que viajassem das suas aldeias para as cidades na tentativa de comercializar o seu artesanato, aumentando o contato como o não indígena. Estes passam a ser identificados como índios urbanos. Os ambientes urbanos começam a se tornar espaços de reterritorialização Kaingang.

Na década de 2010, ocorreu a constituição da comunidade da Terra Indígena Por Fi Gã Keme, uma aldeia urbana no bairro Feitoria em São Leopoldo. As Terras Indígenas, como as aldeias, são espaços de preservação da cultura Kaingang, como também espaços de contato e convivência com comunidades e sujeitos não indígenas. Os mesmos elos comunitários que unem as aldeias são fortalecidos pelo estabelecimento das Terras Indígenas kaingang em várias regiões do Rio Grande do Sul.

2012 - 2013 - Em 2013 ocorreu a 7ª Primavera dos Museus, Museus, Memórias e Cultura Afro-Brasileira. Em 24/09/2013, no Museu Casa do Imigrante (como consta no guia de programação) foi lançado o projeto “Presença Afro no Museu Casa do Imigrante”, uma parceria da Feevale, através do projeto de extensão “Museu como espaço de ação”, com a escola municipal Dr. João Daniel Hillebrand, e com o Clube das Mães Feitoria.

2014 - 2019 - Desocupação, fechamento, e queda de parte de sua fachada externa em 2019 e projeção de nova revitalização preparatória para as futuras comemorações do bicentenário da imigração alemã para São Leopoldo e Vale dos Sinos em 2024.

4 A constituição e reconfigurações das propostas de ensino das diversidades no ensino de história em São Leopoldo

Neste último capítulo, retomo as primeiras propostas de ensino de história na perspectiva da educação das relações étnico-raciais a partir de um patrimônio adaptado para a função de ser um dos primeiros símbolos da presença alemã na região. Num primeiro momento deste estudo, propus uma sequência de atividades envolvendo a utilização de materiais pesquisados e outros elaborados por mim sobre as presenças visibilizadas e invisibilizadas indígenas e africanas na história de São Leopoldo. Ela está dividida em quatro aulas, sendo a quarta a confecção de um zine pelos alunos sobre os conhecimentos adquiridos nas aulas um, dois e três. Em decorrência da pandemia, reestruturei o estudo para a elaboração da E.R.E.R. no Zine como objeto central deste estudo.

Partindo de um conjunto de concepções legais¹³ e teorizantes sobre a educação das relações étnico-raciais, o trabalho das professoras Carmen Zeli de Vargas Gil e Carla Beatriz Meinerz (2017)¹⁴ sobre a educação das relações étnico-raciais a partir dos usos simbólicos dos espaços de memória de forma positivadora, referenciou este estudo sobre a Casa do Imigrante, ao propor a utilização do bem na interrogação dos processos de visibilização e invisibilização das populações indígenas e africanas de São Leopoldo a partir das transformações que o bem sofreu no decorrer do tempo.

Neste intuito, desenvolvi atividades que contemplem leituras e análises críticas dos conteúdos de vídeos, documentos oficiais e materiais jornalísticos

¹³ BRASIL, Ministério da Educação (MEC). Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004. Brasília.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para a educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.

¹⁴ Gil, C. Z. de V., & Meinerz, C. B. (2017). **Educação, patrimônio cultural e relações étnico-raciais: possibilidades para a decolonização dos saberes**. *Horizontes*, 35(1), p. 19-34. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/436> Acesso em 2019.

em relação as histórias das populações indígenas e africanas em relação a História de São Leopoldo e do Vale dos Sinos. Tais conteúdos serão tomados como fontes que contemplam informações para a produção de conhecimentos sobre as presenças culturais e históricas indígenas e africanas no ensino de História. Este primeiro planejamento propunha um exercício de conexão entre o passado estudado a partir de um presente questionador através de atividades planejadas pelo professor e propostas aos alunos dos 8os anos das séries finais do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Olímpico Vianna Albrecht localizada no bairro Feitoria em São Leopoldo. Almejava-se que os alunos desenvolvessem e elaborassem uma compreensão da existência de uma diversidade étnico-racial na história de São Leopoldo, registrando as suas percepções durante o desenvolvimento das atividades que serão elucidadas a seguir.

Na primeira atividade desta proposta inicial foi a elaboração e aplicação de uma sondagem com os alunos de forma remota através de um formulário Google postado no ambiente do Google Sala de Aula numa turma criada especificamente para este estudo. Objetivou-se com a sondagem a coleta de um conjunto de informações, quantitativas e qualitativas, sobre identificação e reconhecimento étnico-racial. Utilizei-me de um questionário com perguntas sobre características de identificação étnico-raciais físicas e culturais¹⁵. As respostas apresentadas pelos alunos foram tabuladas e tratadas como fontes de pesquisa na teorização e constituição de uma metodologia na educação das relações étnico-raciais no ensino de história nas séries finais do ensino fundamental.

Metodologicamente, a atividade de sondagem constitui-se de duas partes. A primeira parte tratou-se de um pequeno questionário contendo perguntas objetivas, de múltiplas escolhas, sobre aspectos pessoais e familiares, autodeclaração e identificação étnico-racial e religiosa. Na elaboração das perguntas utilizei-me do questionário de pesquisa das características étnico-

¹⁵ Foi aplicada a primeira e a segunda etapas da sondagem nos meses de setembro e outubro, em duas aulas, cada aula com duração de 1 hora e 50 minutos, nos meses de novembro e dezembro de 2020.

raciais da população produzido pelo IBGE publicado em 2008¹⁶. O conceito de raça foi utilizado como categoria de análise das respostas dos alunos a partir das formas de autodeclaração e identificação apresentadas por eles a partir das respostas individuais por questionário. Diálogo com a conceituação de raça como uma construção social e histórica elaborada por sujeitos sociais e históricos em condições de desigualdade, sendo esta desigualdade imposta por uma dessas partes, sujeitos brancos de origem europeia colonizadora em superioridade na(s) sua(s) representatividade(s). Esses sujeitos utilizam-se de diferenças fenotípicas racistas de desigualdade física e representativa em relação aos sujeitos não-brancos inferiorizados socialmente e historicamente nos seus espaços de representatividade e representação.

Analisei as respostas dos alunos a partir de alguns questionamentos auxiliares pensados e relacionados a essa definição e utilização de raça: Como os alunos identificam o outro e como se identificam racialmente? Quais aspectos de identificação racial são citados e/ou destacados nas respostas dos alunos? Os alunos conseguem estabelecer relações de semelhança e/ou diferenciação na forma como identificam racialmente a si mesmos e as outras pessoas?

A segunda parte solicita que os alunos respondam perguntas de forma dissertativa em relação ao que sabem sobre a presença de populações negras na história de São Leopoldo e da Casa do Imigrante (já que os alunos conhecem a Casa da Feitoria Velha como sendo a Casa do Imigrante). Alguns questionamentos serão utilizados na análise desta segunda parte do questionário: O que os alunos sabem sobre a história de São Leopoldo e a história da Casa do Imigrante? O que os alunos sabem sobre a presença de populações indígenas e africanas nas histórias antes citadas? Quais propostas podem ser desenvolvidas no ensino de história para as séries finais do ensino fundamental a partir de referenciais teóricos e metodológicos sobre a educação das relações étnico-raciais no âmbito municipal?

A partir destes questionamentos, desenvolvi uma proposta pedagógica de ensino de história na perspectiva da educação das relações étnico-raciais a partir do estudo da história da Casa da Feitoria Velha. Posteriormente esta

¹⁶ PETRUCCELLI, J. L.; SABOIA, A. L. **Características étnico-raciais da população: Classificação e identidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. 208 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf> Acesso em 2020.

proposta foi substituída pela construção do zine como proposta oficial deste estudo.

4.1 O Plano de aulas de ensino de História na perspectiva do ensino das diversidades

Primeira aula - apresentação da proposta de ensino de história aos alunos e a aplicação de sondagem

Objetivo(s): Primeiramente, apresentar aos alunos a proposta de ensino de História através do Termo de Registro de Assentimento aos alunos e do Termo de Registro de Consentimento Livre e Esclarecido aos pais e/ou responsáveis. Num segundo momento, será aplicada uma sondagem sobre conhecimentos prévios dos alunos. A primeira parte da sondagem trata de um pequeno questionário contendo perguntas objetivas e dissertativas sobre autodeclaração e identificação étnico-racial. A segunda parte solicita que os alunos respondam perguntas de forma dissertativa em relação ao que sabem sobre as populações que habitaram e habitam São Leopoldo, e sobre a história de São Leopoldo e da Casa do Imigrante (veja o anexo 2).

Desenvolvimento: O envio para cada aluno de um questionário no formato virtual através do Google Formulários. A atividade de sondagem constitui-se de duas partes.

Primeira parte: Duas perguntas objetivas sobre autodeclaração e identificação étnico-racial. Para cada uma das perguntas é solicitado que o aluno explique a sua resposta.

1ª) Você se define como sendo de raça:

() branca () preta () parda () indígena

Explique a sua resposta.

2ª) Você define a origem racial da sua família, pai e mãe, como sendo:

() branca () preta () parda () indígena

Explique a sua resposta.

Segunda parte: Três perguntas dissertativas sobre as populações que habitaram e habitam São Leopoldo, e sobre a história de São Leopoldo e da Casa do Imigrante.

1ª. O que você sabe sobre a formação histórica da população de São Leopoldo? Procurarei observar nas respostas o que os alunos sabem sobre a presença de sujeitos e/ou populações indígenas e africanas na História de São Leopoldo, além das já conhecidas presenças portuguesa e alemã.

2ª. O que você sabe sobre a História da Casa do Imigrante?

3ª. Se você recebesse um amigo que mora em outra cidade ou em outro estado, o que você contaria sobre as pessoas que vivem hoje em São Leopoldo?

Ao analisar o que os alunos sabem sobre a História da Casa da Feitoria Velha/Casa do Imigrante e a História de São Leopoldo, darei atenção no que é destacado por eles ao selecionarem informações sobre estas Histórias. As respostas serão utilizadas no desenvolvimento da análise sobre os processos de visibilidade e invisibilidade histórica e cultural das comunidades indígenas e africanas em São Leopoldo. A partir desses dados coletados poderei estabelecer quais informações e conteúdos pretendo desenvolver com os alunos para o melhor planejamento e elaboração das aulas seguintes.

Segunda aula – Aula expositiva pelo aplicativo Google Meet.

Objetivo(s): Apresentação de informações sobre a História da Casa da Feitoria Velha/Museu do Imigrante, e sobre a presença indígena e africana na História de São Leopoldo, numa proposta de educação das relações étnico-raciais através do reconhecimento de uma diversidade étnico-racial na História de São Leopoldo. Primeiramente, utilizo-me de um quadro sintético das temporalidades da História da Casa da Feitoria Velha. Nele constarão conhecimentos e informações sobre a presença indígena e africana na História de São Leopoldo através da História da Casa da Feitoria Velha. Esse texto divide-se em cinco momentos históricos pré-estabelecidos por mim no desenvolvimento deste estudo. Será disponibilizado juntamente com o texto as indicações de sites contendo informações em forma de textos, imagens, vídeos, sobre a temática da história das populações indígenas e africanas em São Leopoldo e no Vale dos Sinos.

Num segundo momento, farei a indicação de três vídeos. O primeiro produzido pela TVFeevale, disponibilizado no seu canal no You Tube, sem data, com duração de 3 minutos e 53 segundos, com o título TVFeevale – Atelier da Cultura – Índios Kaingang¹⁷. Objetivo que os alunos observem e registrem informações sobre como a cultura e a História indígena é ensinada aos mais jovens e preservada nas atividades diárias, cerimônias e festividades. O segundo também produzido pela TVFeevale e disponibilizado no seu canal no YouTube em 29 de março de 2013, com duração de 6 minutos e 22 segundos,

¹⁷ São entrevistadas pessoas da comunidade territorial indígena Por Fi Gã localizada no bairro Feitoria em São Leopoldo. Dentre estas pessoas estão o professor indígena bilingue Dorvalino Cardoso, que nos relata sobre como é desenvolvida a proposta pedagógica indígena na comunidade com as crianças e adolescentes. Uma proposta “diferenciada” através dos ensinamentos sobre a cultura, a história da comunidade e dos povos Kaingang. A professora indígena Rosalina de Paula, que reforça a necessidade de ensino da cultura indígena Kaingang para as novas gerações, “para que elas não esqueçam a sua cultura”. A pajé Lurdes da Silva, que passa os ensinamentos às novas gerações e que prepara seu/sua sucessor/a para que “não se perca a nossa cultura”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LImekjdmKkw> Acesso em 17 de novembro de 2020.

com o título TVFeevale Notícias – Museu Casa do Imigrante¹⁸. Objetivo que os alunos observem e registrem informações sobre o processo de adaptação do bem patrimonializado em uma réplica de uma casa de uma família imigrante alemã. Almejo também que os alunos percebam e registrem informações sobre como a casa é descrita no período em que era uma feitoria escravocrata. O terceiro vídeo foi produzido pelo Jornal NH, Grupo Sinos, e disponibilizado no seu canal do YouTube em 19 de novembro de 2017, com duração de 6 minutos e 30 segundos, tendo como título Especial Consciência Negra: História. Negros e pardos fazem parte da História da região¹⁹ (veja o anexo 3). Objetivo que os alunos observem e registrem informações sobre como a presença de populações africanas é identificada historicamente na formação histórica do Rio Grande do Sul e no Vale dos Sinos. Os alunos serão orientados em como fazerem os registros das suas leituras do texto e dos vídeos através de um roteiro de leitura e registro de informações (Veja o anexo 3). Dialogo com Leandro Balejos Pereira (2016)²⁰ na elaboração do roteiro de leitura e registro. Como proposta de ensino de história através de um bem arquitetônico patrimonializado, Leandro B. Pereira instrumentalizou teórica e metodologicamente seus alunos

¹⁸ São apresentadas ações desenvolvidas no museu através do projeto de extensão Museu como espaço de ação, uma parceria da Feevale com o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. O projeto de extensão foi coordenado e apresentado pela Profa. Roswithia Weber, Feevale. Desenvolveu-se, primeiramente, um processo de revitalização e valorização do espaço físico do museu e de seu acervo relacionado a memória e a história da imigração e colonização alemã na região do Vale do Sinos. Além das exposições, visitas guiadas, desenvolveram-se ações culturais no espaço da casa museu em parceria com as senhoras do Clube de Mães do bairro Feitoria que utilizavam parte do espaço como sede oficial do clube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2z7gHZHp_8k Acessado em 16 de março de 2020.

¹⁹ O vídeo é apresentado por Lucilene Athaide, jornalista da Revista Pretas e membro-fundadora do Coletivo Afro Juventude Hamburguense; e por Susi Mello, jornalista do grupo editorial Sinos. Este vídeo é parte de uma série de três episódios que propõe-se narrar a História da trajetória negra na região do Vale do Sinos, Paranhana e Vale do Cai utilizando-se de informações coletadas e apresentadas através de entrevistas com estudiosos/as, jornalistas, historiadores/as sobre a história de populações negras escravizadas e libertas/livres no Rio Grande do Sul desde o período colonial no século XVIII, passando pelo período imperial no século XIX, com a implementação dos processos de imigração europeia alemã para o Brasil e colonização num contexto regional de diversidade étnica e racial; o período pós-abolição e republicano da nossa história local e nacional e os movimentos associativos de clubes negros como forma de resistência contra a discriminação racial e luta negra por cidadania. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7E0YwTyvRKo> Acessado em 14 de maio de 2020.

²⁰PEREIRA, L. B. **Ensino de História e o ofício do historiador: a investigação do processo de patrimonialização do espaço físico da Escola Estadual Professor Olintho de Oliveira (Porto Alegre/RS) com alunos e alunas do 6º ano do ensino fundamental**. 2016. 161 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

do 6º ano do ensino fundamental no trato com fontes históricas, na interpretação de narrativas sobre o passado contidas nas fontes consultadas como também no próprio bem patrimonial. Me inspirarei na sua experiência e nos modelos de materiais elaborados por ele para a construção desta aula. As informações coletadas nessas fichas serão utilizadas pelos alunos para que possam desenvolver as atividades da terceira aula.

Terceira aula: A constituição pelos alunos de um conhecimento histórico escolar materializado em fanzines

Objetivo(s): Instrumentalizar e orientar os alunos no processo de produção de um conhecimento histórico escolar sobre as presenças culturais e históricas das populações indígenas e africanas na História de São Leopoldo através de fanzines. Serão utilizadas como fontes de pesquisa reprodução de trechos de documentos de acervos, arquivos públicos ou privados, publicações, que contenham informações sobre a Casa da Feitoria Velha e as populações indígenas e africanas em São Leopoldo. Analisarei este processo produtivo com os alunos através dos seus relatos sobre o que necessitaram mobilizar de informações e habilidades na produção dos seus fanzines. Obtendo como resultado almejado a materialização de um saber histórico apropriado (PAGÈS, 2015)²¹ pelos alunos, o fanzine, como objeto de avaliação tanto do professor como do aluno a partir de uma interpretação e compreensão das experiências humanas ao longo do tempo histórico. Identificar que resultados poderemos obter ao utilizarmos o zine como forma de materialização e comunicação de um conhecimento histórico escolar, identificando nele as possibilidades de composição de conhecimentos através de textos e ilustrações autorais ou referenciados em materiais de consulta.

Primeiramente, será desenvolvida uma aula-oficina (BARCA, 2004)²² sobre a confecção de fanzines. Ela ocorrerá através de vídeo chamada pelo aplicativo Google Meet. Nela apresentarei informações sobre o que é um fanzine

²¹PAGÈS, J. Saberes Históricos Construídos – Saberes Históricos Apropriados. Uma reflexión desde la didáctica de la historia. p. 304 a 325. In: GALZERANI, M. C. B.; PACIEVITCH, C.; ZAMBONI, E. (orgs). **Memória, sensibilidades e saberes**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2015.

²²BARCA, I. Aula Oficina: do projeto à avaliação. In. **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Moinho, 2004, p. 131-144.

(MAGALHÃES, 2013), e como confeccioná-lo (GUIMARÃES, 2013)²³. A partir disto, instrumentalizar os alunos na compreensão crítica e questionadora de conteúdos e informações para o estabelecimento de sentidos sobre o passado estudado através da seleção e utilização de fontes analisadas sobre a História da população indígena e africana em São Leopoldo tramadas temporalmente com a História da Casa da Feitoria Velha. Num segundo momento, será solicitado que os alunos desenvolvam em suas residências os seus zines. Para acompanhá-los neste empreendimento educacional, será disponibilizada aos alunos uma sala de aula do projeto de ensino de História no ambiente virtual do Google Classroom (Sala de Aula). Essa sala será alimentada com informações pelo professor e alunos. Serão disponibilizadas fontes de pesquisa utilizadas na elaboração dos zines, como também será um espaço para comunicação e troca de ideias, questionamentos, entre os alunos e com o professor. Através de uma análise destaque algumas destas informações coletas com os questionários.

Foram coletadas dez sondagens do primeiro formulário, e nove do segundo. Nenhuma pergunta ficou sem resposta, me possibilitando a análise de todo o processo de narrativa dos alunos. No primeiro formulário obtive dados sobre o autorreconhecimento racial dos alunos e a identificação racial de seus familiares, pais e mães. Primeiramente, nove dos dez alunos identificaram-se como sendo brancos. Somente um aluno identificou-se como preto. Nenhum identificou-se como pardo ou indígena. Questionados sobre como eles identificam a origem racial de sua família, pais e mães, apresentaram respostas semelhantes. Para os alunos que se identificam como brancos o termo raça é utilizado como pertencimento. “Eu sou da raça dos brancos, pois essa é minha origem.” A descendência alemã também aparece como justificativa dentre estas respostas relacionadas a raça branca. “Porque eu sou descendente de alemão.” A cor da pele também aparece como referência na maioria das respostas. No caso do aluno que se identificou como de cor preta podemos observar outra forma de se identificar racialmente. “Minha pele é bastante escura, no ponto de vista de qualquer um eu sou preto”. Nesta resposta podemos observar outro elemento de identificação em relação a cor da pele: o olhar do outro, podendo

²³ NETO, E. dos S.; SILVA, M. R. P. da. (orgs). **História em quadrinhos e práticas educacionais. Volume I: o trabalho com universos ficcionais e fanzines.** 1ª edição. São Paulo: Criativo, 2013.

ser este outro pessoas negras que se identificam como pretas pela sua cor e de seus familiares. O outro também poderia ser aquele que se referêcia na cor da sua pele branca e na sua descendência europeia para se identificar e se diferenciar. Na identificação racial de seus pais e mães, as respostas elaboradas conectam-se com as de autoidentificação racial, tanto dos autodeclarados brancos e do autodeclarado preto. “Os dois são de origem branca.” “Porque meus pais são descendentes de alemão.” “Todos os meus parentes são de uma cor mais escura.” Podemos identificar a cor da pele e suas tonalidades como elemento de destaque também na diferenciação entre o pai e a mãe de outros alunos que se identificaram como sendo de raça e cor branca. “Porque meu pai tinha a pele clara e a minha mãe tinha a pele morena.” “A Família do meu pai é mais morena e a da minha mãe é mais branca.”

Partindo destas análises iniciais, podemos elaborar algumas classificações de autoidentificação e identificação racial por parte dos alunos sondados: (A) Alunos que se identificam e aos seus pais e mães como sendo brancos de origem branca; (B) Alunos que se identificam e aos seus pais e mães como alemães; (C) Alunos que se identificam como brancos, mas com pai ou mãe com o tom de pele escura; (D) Aluno que se identifica e ao seu pai e mãe como de raça preta pelo tom de pele escura.

Antes de passar para o segundo momento da sondagem, ressalta na leitura das respostas um elemento importante para a constituição de uma proposta metodológica de ensino de história numa concepção de educação das relações étnica e raciais: A necessidade metodológica de ensino de história numa concepção de afirmação e revitalização da autoimagem das populações negras em relação à população branca europeia em São Leopoldo.

Partindo das narrativas do aluno negro, a sua autoimagem através da sua cor preta é constituída pelo seu olhar sobre o seu corpo, o corpo de seus familiares, somada ao olhar do outro. Poderíamos pensar aqui numa tensão entre a regulação do corpo negro, pelo racismo e a constituição de estereótipos de beleza ideal branca eurocentrada no Brasil, e a emancipação do corpo negro, através das ações históricas do movimento negro brasileiro, proposta por Nilma Lino Gomes. Nas palavras da autora, o movimento negro brasileiro “é o sujeito central capaz de transformar em emancipação aquilo que o racismo construiu como regulação conservadora. Nesse processo, a raça e os demais sinais

diacríticos são ressignificados e recodificados politicamente. As categorias de cor passam a ser critérios de inclusão (como no caso das cotas raciais), e não de exclusão.” (GOMES, 2017, p.99)

Ressalta-se a importância de um ensino e uma educação que o aluno negro possa se referenciar afirmativamente na cultura e história negra, na sua descendência e origem africana. Para isto o pensar, o planejar e o fazer do educador na elaboração de mediações pedagógicas no ensino de história com os alunos negros, indígenas e brancos. A constituição de uma educação antirracista com a participação de sujeitos em espaços de ensino: a escola planejada e organizado como espaço de ensino inclusivo combativo de práticas preconceituosas e discriminatórias; o professor como sujeito constituidor de currículos e conhecimentos históricos escolares, mobilizando esses conhecimentos em práticas pedagógicas objetivando a compreensão da história ensinada ao estudante (MEC/SECAD, 2006, p. 66-67). Para isto, o estudante deverá ser pensado e tratado como sujeito do seu processo de ensino e educação escolar e social na constituição de sentidos sobre os conhecimentos adquiridos.

O segundo formulário está dividido em três perguntas. A primeira sobre a formação populacional de São Leopoldo. Alunos responderam que não sabem muito ou quase nada; que havia índios carijós, imigrantes açorianos, imigrantes alemães. Algumas respostas apresentam mais que uma origem imigratória. Dois relatos me parecem cópias pela forma que foram relatadas, com mais informações – datas, locais, deslocamentos, entre outras. Em uma das respostas aparece São Leopoldo como berço da Imigração alemã para o Brasil. “Em 25/7/1824. Esta é a data de fundação de São Leopoldo, de onde vem o título de “Berço da Imigração”.”

A segunda pergunta solicita informações sobre a História da Casa do Imigrante, a Casa da Feitoria Velha. Dois alunos não sabiam “nada”, ou “não sabiam muito” para responder. Em outra o aluno responde que “Sim a história da casa dos imigrantes é a casa dos habitantes”. As outras respostas apresentam mais detalhes e uma linha de raciocínio comum. Que foi o local onde foi instalada a feitoria do linho cânhamo em 1788. Após 1824 foi o local de chegada, acolhimento dos primeiros imigrantes alemães em São Leopoldo. Não aparecem outras populações que não sejam alemães nas respostas da segunda

pergunta. Percebe-se novamente a possibilidade de cópia em algumas respostas. Mas também o interesse dos alunos em pesquisar informações possivelmente com o objetivo de não deixar a pergunta sem uma resposta.

Na terceira pergunta é solicitado que os alunos imaginem uma situação hipotética onde eles deveriam narrar uma conversa com um visitante que chegasse em São Leopoldo e não soubesse nada sobre a cidade. As respostas deixam de lado os fatos históricos narrados por eles mesmos nas perguntas anteriores. Relatam suas amizades na escola, a simpatia, a generosidade das pessoas, que os habitantes são boas pessoas sociáveis e que amam a sua cidade, que levariam a pessoa para conhecer alguns lugares da cidade, sem dizer quais, que há aqueles que gostam e que não gostam da cidade. Somente uma resposta aparece que a cidade é formada por mais de uma etnia remetendo à um passado imigratório. “Eu falaria que aqui é um lugar bem variado, com alemães e outras etnias.” Ao analisar as respostas das três perguntas em conjunto percebe-se uma desconexão entre as respostas da primeira e segunda pergunta com as respostas da terceira. Praticamente nenhum aluno associou as suas primeiras respostas com a última. Percebe-se que, talvez, os alunos não consigam relacionar as suas primeiras respostas como informações na criação de uma narrativa sobre a São Leopoldo para alguém que não conhece a cidade.

As respostas e esta breve análise me instigaram a questionar com que fins eu desejo elaborar um zine: somente um material, um produto, ou uma possibilidade de constituição de um conhecimento escolar através de outras histórias sobre a Casa da Feitoria Velha que possibilite aos estudantes a apropriação deste conhecimento para a elaboração de suas interpretações na constituição de seus zines. Como não foi possível a aplicação da proposta do zine, por diferentes razões, constitui-se a proposta de elaboração da E.R.E.R. no Zine para aplicação com os alunos em um outro momento, num próximo ano letivo.

Considerações finais

A trajetória deste estudo expresso nesta dissertação e neste zine levou-me a constituir questionamentos e na procura de respostas para eles. Expresso alguns deles nestas considerações finais. Para isto, devo lembrá-los e dissertar sobre os resultados presentes e futuros.

“Como as diversas recuperações estruturais da Casa do Imigrante a transformaram numa herança cultural e histórica do processo imigratório e colonizador alemão na região do Vale dos Sinos?” (p.13) Este questionamento inicial já possui algumas respostas a partir, principalmente, da consulta aos estudos da Profa. Dra. Roswithia Weber. O processo de constituição de referenciais identitários iniciado em 1924, através das preparações para a comemoração do centenário da imigração alemã para o Brasil, colocou a antiga casa da Feitoria Velha em destaque. Tornou-se o principal marco deste processo, constituindo uma história pautada nas lembranças pessoais e conjuntas dos descendentes dos imigrantes, como também na seleção e escolhas das temáticas de pesquisa e produção de conhecimentos através do acervo Museu Histórico Visconde de São Leopoldo e do Instituto Histórico de São Leopoldo. As memórias e as fontes documentais se entrelaçam compondo uma identidade em constante reafirmação através deste bem patrimonializado e de outros que foram sendo compostos no decorrer dos anos seguintes.

Expresso um segundo questionamento através desta pergunta: “Onde fica a história da Casa da Feitoria Velha anterior a chegada dos imigrantes alemães, na história de São Leopoldo?” (p. 13) Na perspectiva da educação das relações étnico-raciais, a constituição de outras histórias sobre a Casa da Feitoria Velha, evidenciando as presenças indígenas e africanas em São Leopoldo e no Vale dos Sinos, possibilitou-me o resgate histórico deste período como uma proposta inicial de estudo. Isto fez com que houvesse uma maior atenção e interesse meu por esta história: a presença de comunidades africanas escravizadas na sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo na Faxinal da Courita, atual região da Feitoria

em São Leopoldo, RS. Ao estudar a produção historiográfica sobre o tema, pude constituir um conhecimento sobre este empreendimento e o contexto em que ele ocorreu. A descrição da presença indígena e africana como um possível entrave ao progresso do projeto imigratório e colonizador alemão, fez-me questionar a possibilidade de tornar positiva e importante estas presenças na constituição de outras histórias sobre o bem patrimonializado e cooptado como marco da chegada dos primeiros imigrantes na região. Desconsiderar estas presenças é negar a sua existência, torná-la visibilizada como um mau necessário para o progresso que viria a seguir, invisibilizando a diversidade cultural e histórica de São Leopoldo e do Vale dos Sinos.

O terceiro e quarto questionamentos tornaram-se os objetivos principais deste estudo. “Como a construção de um zine possibilitaria o tensionamento das percepções vigentes sobre um patrimônio cultural de São Leopoldo? De que forma a E.R.E.R. no Zine contribuiria para a educação das relações étnico-raciais numa cidade considerada o berço da imigração alemã para o Brasil? (p. 14) Como não foi possível a aplicação da E.R.E.R. no Zine na escola em que atuo como professor de ensino de história, optei por pensá-lo como um material de ensino de história que poderá ser aplicado e analisado futuramente no chão da escola. Que a sua construção foi possível, não há dúvidas para mim. Os seus usos pelos alunos e professores é que serão estudados teórica e metodologicamente num futuro próximo. Isto me coloca uma nova perspectiva: Como os planos de aulas poderão ser aplicados, analisados e aprimorados através das ações e dos resultados obtidos em sala de aula? Ao levar a E.R.E.R. no Zine para outros espaços de ensino e de convívio social, como será a recepção destes conhecimentos nas comunidades de origem africana, indígena e europeia? Fica explícito que há mais questionamentos do que certezas sobre este estudo. Isto se dá por não ter havido a possibilidade, como já foi explicitado, da aplicação da proposta pedagógica de educação das relações étnico-raciais no ensino de história. A leitura da E.R.E.R. no Zine poderá ser um estímulo a construção de outros zines pelos alunos, e a comunicação e distribuição destes zines dentro e fora do ambiente escolar. Dentro desta linha de raciocínio, há a possibilidade de aprimoramento desta proposta de ensino, em breve, através da confecção de um material de apoio aos professores e estudantes, ampliando a sua aplicação e estudo para outros níveis da educação básica.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ADICHE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

ALVES, E. M. Presentes e invisíveis – escravos em terras alemãs (São Leopoldo – 1850-1870). *In*. ARENDT, I. C.; WITT, M. A. (orgs.). **Pelos caminhos da Rua Grande: História(s) da São Leopoldo Republicana**. São Leopoldo: Oikos, 2011. p.189-201.

ARENDT, I. C.; WITT, M. A. (orgs.). **Pelos caminhos da Rua Grande: História(s) da São Leopoldo Republicana**. São Leopoldo: Oikos, 2011. 238 p.

BARCA, I. Aula Oficina: do projeto à avaliação. *In*. **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Moinho, 2004, p. 131-144.

BECKER, Í. B. **O índio kaingang no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 1995. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/323802441/Itala-Becker-O-Indio-Kaingangue-No-RS>

BENJAMIN, R. E. C. **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira**. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2004. 168 p.

BENVENUTI, J. **Letramento, leitura e literatura no ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos: uma proposta curricular**. 2011. 248 p. Tese (Doutoramento em Linguística Aplicada), Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2011.

BRASIL. **Lei no 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

_____. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm

_____. **Lei 11.645/08**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Parecer CNE/CP 3/2004, homologação publicada no DOU 19/05/2004, Seção 1, p. 19. Resolução CNE/CP 1/2004, publicada no DOU 22/06/2004, Seção 1, p. 11.

_____. **Orientações e Ações para a educação das Relações Étnico-Raciais**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2006. 261 p.

CAMPOS, F. R. **Fanzine: Da publicação independente à sala de aula**. III Encontro Nacional sobre Hipertexto. Belo Horizonte, MG: 2009. Disponível em: <http://nehte.com.br/hipertexto2009/anais/b-f/fanzine.pdf>

CARNEIRO, L. C. da C.; DA SILVA, G. F.; DOS SANTOS, J. A. (orgs.). **RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 352 p.

DAMASCENO, M. **O ir e vir kanhgág em São Leopoldo (1996-2016)**. Revista Humanidades e Inovação, v. 4, n. 4. São Leopoldo: 2017. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/357>

DA SILVA, F. O. [et al.]. **Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense**. Porto Alegre: UFRGS: EST Edições, 2017. 112 p.

DE OLIVEIRA, V. P. **De Manoel Congo a Manoel de Paula. Um africano ladino em terras meridionais**. 1ª edição. Porto Alegre: EST Edições, 2006. (Coleção: Raízes Africanas) 168 p.

DIAS, G.; SOARES, A. L. R. **Reflexões acerca do processo de tombamento: Quando o critério étnico se sobrepõe aos demais. O processo da casa da Feitoria Velha em São Leopoldo**. Anais eletrônicos do III Congresso Internacional de História Regional, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2015. Disponível em: <http://historiaregional.upf.br/images/pdf/2015/ST6/guilherme-andre.pdf>

FERREIRA, M. de M.; OLIVEIRA, M. M. D. de. **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro, RJ: FGV Editora, 2019. 248 p.

GALZERANI, M. C. B.; PACIEVITCH, C.; ZAMBONI, E. (orgs). **Memória, sensibilidades e saberes**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2015. 464 p.

GIL, C. Z. de V., & MEINERZ, C. B. (2017). **Educação, patrimônio cultural e relações étnico-raciais: possibilidades para a decolonização dos saberes**. Horizontes, 35(1), p. 19-34. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/436>

_____, C. Z. de V.; PACIEVITCH, C.; RODRIGUES, M. C. de M. **Teoria, metodologia e história ensinada: miradas a partir do Pibid**. Revista História Hoje, v. 6, n. 11, p.325-348, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/187371>

_____, C. Z. de V.; POSSAMAI, Z. R. **Educação patrimonial: Percursos, concepções e apropriações**. Revista Mouseion, UnilaSalle, Canoas, n.19, p.13-26, dezembro 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/129086/000974540.pdf?sequence=1>

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre as relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In. MEC/SECAD. **Educação antirracista - caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: 2005, p. 39 – 62

_____, N. L.; SILVA, P. B. G. e (orgs.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 120 p. (Coleção Cultura Negra e Identidades)

_____, N. L. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 160 p.

GUIMARÃES, E. **Fanzine**. 3ª edição. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005. 64 p. (Coleção Quiosque, 2)

JOHANN, R. F. **Na trama dos escravos de sua majestade: O batismo e as redes de compadrio dos cativos da real feitoria do linho cânhamo (1788-1798)**. 2010. 56 p. Monografia (Licenciatura em História). Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2010.

LERM, R. R. P. **Fanzines em pesquisas acadêmicas no Brasil**. 25º Encontro da ANPAP. Simpósio 6 – Discursos e práticas: espacialidades em sincronias e

diacronias no ensino da arte. Porto Alegre/RS. 2016. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2016/simposios/s6/ruth_rejane_perleberg_lem.pdf

LIBRENZA, I. R. **Tocando na ferida: Gênero e ditadura o ensino de História através da análise de testemunhos**. 2018. 88 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Instituto de Filosofia e de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189303/001085643.pdf?sequence=1>

LOPES, N. **História e cultura africana e afro-brasileira**. São Paulo: Balsa Planeta, 2008. 144 p. (Biblioteca Balsa)

LUCIANO, E. M.; MAGALHÃES, M. L. **Maria: emoções, perdas e ações de uma cativa em São Leopoldo**. Revista PRÂKSIS, Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, janeiro de 2015, ano XII, vol.1, p.69-78. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/801>

MAGALHÃES, H. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. 3a edição. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013. 128 p. (Série Quiosque, 27)

MAGALHÃES, M. L. Entre a preteza e a brancura brilha o cruzeiro do sul: Associatismo negro em uma localidade teuto-brasileira. *In*. ARENDT, I. C.; WITT, M. A. (orgs.). **Pelos caminhos da Rua Grande: História(s) da São Leopoldo Republicana**. São Leopoldo: Oikos, 2011, p. 203-210.

MEIRA, A. L. G. **Novamente a Casa caiu: critérios de intervenção e narrativas sobre o uso da Casa da Ffeitoria**. Revista Patrimônio e Memória, Assis, São Paulo, janeiro-junho de 2020, v.16, n.1, p. 270-287. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/985/1161>

MENZ, M. A. **Os escravos da feitoria do linho cânhamo: trabalho, conflito e negociação.** Revista Afro-Ásia, UFB, n.32, 2005, p.139-158. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21090>

MESQUITA, I. M. de. **Memórias/identidades em relação ao ensino e formação de professores de História: diálogos com fóruns acadêmicos nacionais.** 2008. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_246cb37ee6284a94ad6aab66ed3035e

MORAES, C. de S. **Feitoria do Linho Cânhamo. Documentação inédita.** Porto Alegre: Parlenda, 1994. 144 p.

MOREIRA, P. R. S.; MUGGE, M. H. **Histórias de escravos e senhores em uma região de imigração europeia.** São Leopoldo: Oikos, 2014. 133 p.

MUNIZ, C. R. (org.). **Fanzines: Autoria, Subjetividade e Invenção.** Fortaleza: Edições UFC, 2010. 139 p.

NETO, E. dos S.; SILVA, M. R. P. da. (orgs). **História em quadrinhos e práticas educacionais. Volume I: o trabalho com universos ficcionais e fanzines.** 1ª edição. São Paulo: Criativo, 2013. 112 p.

PAGÈ, J. Saberes Históricos Construídos – Saberes Históricos Apropriados. Uma reflexão desde la didáctica de la historia. p. 304 a 325. In: GALZERANI, M. C. B.; PACIEVITCH, C.; ZAMBONI, E. (orgs). **Memória, sensibilidades e saberes.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2015.

PEREIRA, A. A. (orgs.). **Educação das relações étnico-raciais no Brasil: trabalhando com histórias e culturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula.** Brasília: Fundação Vale, 2014. 88 p.

PEREIRA, D. R. **Fanzine em sala de aula: uma proposta pedagógica de incentivo à produção textual**. Revista Bem Legal. Porto Alegre. vol.6. n. 2. 2016. p.149-159. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/revistabemlegal/edicoes-anteriores/Vol%2C6%20n.2/fanzine-na-sala-de-aula-uma-proposta-pedagogica-de-incentivo-a-producao-textual>

PEREIRA, L. B. **Ensino de História e o ofício do historiador: a investigação do processo de patrimonialização do espaço físico da Escola Estadual Professor Olintho de Oliveira (Porto Alegre/RS) com alunos e alunas do 6º ano do ensino fundamental**. 2016. 161 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PETRUCCELLI, J. L. Raça, identidade, identificação: abordagem histórica conceitual. In: PETRUCCELLI, J. L.; SABOIA, A. L. **Características étnico-raciais da população: Classificação e identidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. 208 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>

PILGER, M. I.; SCHWINGEL, K. (orgs.). **Por Fi Ga Keme – História da Tovaca**. São Leopoldo: Oikos, 2014. 80 p.

PINTO, R. D. **O fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013. 56 p. (Série Quiosque, 29)

POLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf

_____. M. **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.5, n.10, 1992, p.200-212. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_e_identidade_social_pollak.pdf

ROCHA, H. A. B. **Um desafio para formadores e formandos: A relação entre passado e presente na aula de História.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPHU. São Paulo, julho 2011, p.1-17. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=Um+desafio+para+formadores+e+formandos%3A+A+rela%C3%A7%C3%A3o+entre+passado+e+presente+na+aula+de+Hist%C3%B3ria&qs=n&form=QBRE&sp=-1&pq=&sc=8-0&sk=&cvid=92898FC95546468FBCBD35234EEF9586>

ROSA, M. V. de F. **Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição.** Porto Alegre: EST Edições, 2019. 272 p.

SANTOS, R. L. dos. **O acervo documental do museu histórico Visconde de São Leopoldo: Trajetórias e contribuições para uma historiografia renovada da imigração alemã.** XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis/SC, 2015. Disponível em: [http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439307929_ARQUIVO_Oacervo documental-TextocompletoRodrigoSantos.pdf](http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439307929_ARQUIVO_Oacervo%20documental-TextocompletoRodrigoSantos.pdf)

SCHMIDT, B. B. **Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória.** Revista Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, Porto Alegre, junho 2006, v.XXXII, n.1, p.85-97. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/163808/000582559.pdf?sequence=1>

SILVA, P. B. G. e. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.** Porto Alegre, Revista Educação, vol. 30, n. 3, p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2745>

_____, P. B. G. e. **Educação das relações étnico-raciais nas instituições escolares.** Curitiba, Educar em Revista, v.34, n.69, p.123-150, maio/junho 2018.

Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/326664109_Educacao_das_Relacoes_Etnico-Raciais_nas_instituicoes_escolares

SOUZA, M. de M. e. **África e Brasil africana**. São Paulo: Ática, 2006. 176 p.

TRAVI, O. A. K. **Ensino de história local e memórias silenciadas: o bairro África em Novo Hamburgo**. 2018. 75 p. Monografia (Licenciatura em História) Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2018.

WEBER, R. **As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul: o “25 de julho” em São Leopoldo, 1924/1949**. Novo Hamburgo: Feevale, 2014. 189 p.

_____. R. Comemorações, turismo e construção da identidade local leopoldense. *In*. ARENDT, I. C.; WITT, M. A. (orgs.). **Pelos caminhos da Rua Grande: História(s) da São Leopoldo Republicana**. São Leopoldo: Oikos, 2011, p.175-188.

WITT, M. A. Patrimônio histórico, museus e educação patrimonial em São Leopoldo. *In*. ARENDT, I. C.; WITT, M. A. (orgs.). **Pelos caminhos da Rua Grande: História(s) da São Leopoldo Republicana**. São Leopoldo: Oikos, 2011, p.165-174.

ANEXOS

Anexo 1 – 2ª Atividade: leitura e análise de vídeos no ambiente do Google Sala de Aula

Bom dia, Boa tarde, Boa noite. Tudo bem com você?

Convido você para participar da 2ª etapa desta proposta de ensino de História iniciado em 2019. Na 1ª etapa você participou de uma sondagem através de dois formulários do Google. Nesta 2ª etapa você está sendo convidado a participar de algumas atividades.

Nesta 1ª atividade você deverá assistir a três vídeos, observar e registrar informações. Esses vídeos apresentam informações sobre a História de São Leopoldo, sobre a História da Casa do Imigrante, e sobre a presença de populações indígenas, africanas e europeias nessas Histórias.

- 1o. Título: TVFeevale – Atelier da Cultura – Índios Kaingang.

→ Acesso com o link: <https://www.youtube.com/watch?v=LImekjdmKkw>

→ RESPONDA: Como é explicada a História indígena na comunidade?

- 2o. Título: TVFeevale Notícias – Museu Casa do Imigrante

→ Acesso com o link: https://www.youtube.com/watch?v=2z7gHZHp_8k

→ RESPONDA: Como é explicada a História da Casa do Imigrante?

- 3o. Título: Especial Consciência Negra: História. Negros e pardos fazem parte da História da região.

→ Acesso com o link: <https://www.youtube.com/watch?v=7E0YwTyvRko>

→ RESPONDA: Como é explicada a História das populações negras/africanas?

Envie comentários se necessitar de explicações.

Abração!

Prof. Christian

Anexo 2 - Termo de concordância da instituição

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória

Termo de concordância da Instituição

Projeto de Pesquisa: A presença e a História de comunidades negras (in)visibilizadas na História local de São Leopoldo. A Educação das Relações Étnico Raciais no ensino de História nas séries finais do ensino fundamental.

Proponente: Christian Arnold Leite

Orientadora-responsável: Prof. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues

Estou desenvolvendo uma pesquisa que tem como objetivo a implementação de práticas pedagógicas para a educação das relações étnico-raciais no ensino da História local de São Leopoldo. Este estudo está sendo desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da UFRGS. Desta forma, solicito autorização desta instituição, para realizar esta investigação junto aos estudantes. Serão utilizados termos de assentimento e/ou de consentimento livre e esclarecido para cada participante.

Participarão desta pesquisa em torno de 30 jovens ou crianças de 12 a 15 anos, estudantes da Rede Pública de Ensino de São Leopoldo/RS. São previstos em torno de quatro aulas para o desenvolvimento da metodologia de ensino.

Os participantes serão devidamente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes envolvidos. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510/2016

do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade dos participantes. Todo o material desta pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora coordenadora do estudo e após cinco anos será destruído. Dados individuais dos participantes coletados ao longo do processo não serão informados às instituições envolvidas, mas poderá ser realizada uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para a Instituição, se for assim solicitado. Através deste trabalho, esperamos contribuir para a educação das relações étnico raciais no ensino de História.

Agradeço a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais.

Concordamos que crianças ou jovens estudantes desta instituição participem do presente estudo.

Instituição: _____

Responsável: _____

Assinatura do Proponente: _____

São Leopoldo, _____ de _____ de 2020.

Anexo 3 – Termo de registro de assentimento

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória

Termo de Registro de Assentimento

Projeto de Pesquisa: A presença e a História de comunidades negras (in)visibilizadas na História local de São Leopoldo. A Educação das Relações Étnico Raciais no ensino de História nas séries finais do ensino fundamental.

Proponente: Christian Arnold Leite

Orientadora-responsável: Prof. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues

1. NATUREZA DA PESQUISA: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade a implementação de práticas pedagógicas para a educação das relações étnico-raciais no ensino da História local do bairro Feitoria em São Leopoldo com alunos/as de turmas de 8os anos em uma escola municipal localizada na região da Feitoria.

2. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de 30 jovens ou crianças de 12 a 15 anos, estudantes da Rede Pública de Ensino de São Leopoldo/RS.

3. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo, você será convidado a escrever narrativas sobre a história local de São Leopoldo numa concepção de educação das relações étnico raciais. Tal tarefa será realizada na escola, junto com outros estudantes que aceitem participar da pesquisa, em horário e local combinados. Isso não irá perturbar o andamento normal das suas aulas. Você tem a liberdade de se recusar a participar e de desistir de participar do processo de pesquisa a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo, além de poder modificar o que porventura tenha registrado. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa.

4. **SOBRE O INSTRUMENTO:** Serão solicitadas algumas informações básicas para contextualização das respostas. Nenhuma delas implica em identificação da pessoa, sendo garantido, portanto, o anonimato.

5. **RISCOS E DESCONFORTO:** Esta pesquisa não apresenta, a priori, riscos e consequências adversas aos seus participantes, para além de possível fadiga ao final da escrita das narrativas. Caso se detecte, no decorrer no processo de investigação, algum risco para os participantes e para os pesquisadores envolvidos, a pesquisa poderá ser interrompida. Desse modo, aos participantes será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa do estudo. Você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

6. **CONFIDENCIALIDADE:** Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo, interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada professor(a). Todas as narrativas serão anônimas. Os nomes das instituições de ensino tampouco serão divulgados.

7. **BENEFÍCIOS:** Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outros jovens. Além disso, a reflexão sobre a história local de sua cidade é um exercício de cidadania interessante em qualquer etapa da escolaridade.

8. **PAGAMENTO:** você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

REGISTRO DE ASSENTIMENTO

Eu, _____, entendi as características dessa pesquisa e concordo em participar.

São Leopoldo, ____ de _____ de 2020.

Assinatura da/do Jovem

Pesquisador/a

Anexo 4 – Termo de registro de consentimento livre e esclarecido

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória

Termo de Registro de Consentimento Livre e Esclarecido

Projeto de Pesquisa: A presença e a História de comunidades negras (in)visibilizadas na História local de São Leopoldo. A Educação das Relações Étnico Raciais no ensino de História nas séries finais do ensino fundamental.

Proponente: Christian Arnold Leite

Orientadora-responsável: Prof. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues

1. NATUREZA DA PESQUISA: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como finalidade a implementação de práticas pedagógicas para a educação das relações étnico-raciais no ensino da História local do bairro Feitoria em São Leopoldo.
2. PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de 30 jovens ou crianças de 12 a 15 anos, estudantes da Rede Pública de Ensino de São Leopoldo/RS.
3. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo, você será convidado a escrever narrativas sobre a história local de São Leopoldo numa concepção de educação das relações étnico raciais. Tal tarefa será realizada na escola, junto com outros estudantes que aceitem participar da pesquisa, em horário e local combinados. Isso não irá perturbar o andamento normal das suas aulas. Você tem a liberdade de se recusar a participar e de desistir de participar do processo de pesquisa a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo, além de poder modificar o que porventura tenha registrado. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa.

4. **SOBRE O INSTRUMENTO:** Serão solicitadas algumas informações básicas para contextualização das respostas. Nenhuma delas implica em identificação da pessoa, sendo garantido, portanto, o anonimato.

5. **RISCOS E DESCONFORTO:** Esta pesquisa não apresenta, a priori, riscos e consequências adversas aos seus participantes, para além de possível fadiga ao final da escrita das narrativas. Caso se detecte, no decorrer no processo de investigação, algum risco para os participantes e para os pesquisadores envolvidos, a pesquisa poderá ser interrompida. Desse modo, aos participantes será assegurada a garantia de assistência integral em qualquer etapa do estudo. Você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

6. **CONFIDENCIALIDADE:** Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo, interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada professor(a). Todas as narrativas serão anônimas. Os nomes das instituições de ensino tampouco serão divulgados.

7. **BENEFÍCIOS:** Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outros jovens. Além disso, a reflexão sobre a história local de sua cidade é um exercício de cidadania interessante em qualquer etapa da escolaridade.

8. **PAGAMENTO:** você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, _____, de forma livre e esclarecida, autorizo a criança ou adolescente sob minha responsabilidade a participar desta pesquisa.

São Leopoldo, ____ de _____ de 2020.

Nome da/do Criança ou Jovem

Assinatura responsável

Pesquisador/a